



Eu Lutei em Haethfelth

POEIRA, AÇO E SANGUE
EM UMA DAS BATALHAS MAIS IMPORTANTES
DA IDADE DAS TREVAS NA BRITANNIA



ALBERTO FUENTEVILLA DE DIEGO





Português 3



Español 40

**Poeira, aço e sangue
em uma das batalhas mais importantes
da Idade das Trevas na Britannia**

Eu Lutei em Haethfelth



Alberto Fuentevilla De Diego

© [2012](#) Alberto Fuentevilla De Diego

Tradução para o português: Diego Augusto da Silva Farias

Layout e Design: Enrique López Aparicio



© LOPEKAN

Britannia – 633 d. C.

Anglos do Norte: Os povos germânicos que se estabeleceram ao norte do rio Humber e formaram os reinos de *Bernaccia* e *Deira*.

Anglos do Sul: Os povos germânicos que se estabeleceram ao sul do rio Humber, centrado no vale do rio Trent, e deram vida ao reino que mais tarde seria conhecido como *Mercia*.

Bretões ou Galeses: Os antigos celtas da *Britannia*, romanizados após a conquista, mas abandonados por Roma após a queda do Império. Eles vêm a perder seus reinos nas mãos dos invasores Anglos, Frísios, Jutos e Saxões.

Personagens

Eappa: O protagonista desta história. Um fazendeiro bem acomodado do reino de *Deira*. Um anglo do Norte.

Eadwine Aelling: Rei da *Bernnacia* e *Deira*, dos Anglos do Norte. Ele é o *brytenwalda* (Bryten – *Britannia*, e Walda – governante).

Osfrith: Primogênito de Eadwine com sua primeira esposa, Coenburh.

Eadfrith: Segundo filho de Eadwine com sua primeira esposa, Coenburh.

Cadwallon ap Cadfan: Rei de *Gwynedd* e Grão-Rei dos Bretões (ou galeses, como os denominam os anglos).

Penda Pybbing: Senhor dos anglos do sul, de *Mierce*, ou Mércia, como ficou conhecido posteriormente.

Eobba Pybbing: Irmão de Penda e chefe militar.

*«Eadwine reinou gloriosamente dezessete anos sobre as nações dos Anglos e dos Bretões, seis dos quais também foi servo do reino de Cristo. Cadwallon, rei dos bretões, se rebelou contra ele, apoiado por Penda, o homem mais militar de toda linhagem real dos mércios, e quem reinará a partir deste momento essa nação durante vinte anos com vários êxitos. Uma grande batalha foi travada numa planície chamada **Haethfelth**...»*

Bede
Historia Ecclesiastica Gentis Anglerum
Livro 2, XX

I

Ano 633, 12 de Outubro.

Ao norte, próximo à Caer Daun, ao sul de Eorferwic.

Chove muito... Deuses! A água está gelada e encharca a minha túnica. O solo está lamacento, e o vento do norte corta como aço.

Minha mão treme segurando a lança, e não sinto mais os dedos que carregam o escudo. A urze, abundante nesta charneca, gruda nos sapatos de couro e a humidade dos pântanos que nos rodeia faz-me sentir frio até os ossos.

Mas não é somente o clima que me perturba; minhas pernas tremem, e mal posso disfarçar. Outros estão piores do que eu, alguns já mijaram em si mesmos; eu ainda aguento. O que estou fazendo aqui? Eu deveria estar em minha fazenda com minha mulher e meus filhos. Odin, meu Deus, meu protetor, sabe que eu não sou um guerreiro.

Meu vizinho me dá uma cutucada, nosso senhor nos ordenou para avançar dois passos e apresentar lanças. Nosso senhor é Osfrith, o filho do grande rei Eadwine de *Deira*. Eu vejo ele não muito longe, avançando através dos homens, vestido em sua pesada cota de malha até o joelho e seu elmo de ferro, sob o qual se espalha seu longo cabelo loiro, sujo e suado. Ele brinca, ri, acerta um homem no peito e pergunta para um outro pelo seu cão. Ele é acompanhado por dois de seus guarda-costas.

Osfrith está caminhando entre as linhas, encorajando os homens e dando ordens aos oficiais. Finalmente, ele chega até nós e nos olha com seus profundos olhos azuis. Ele é um garoto, e eu sou um homem de trinta e sete invernos, mas me sinto pequeno diante dele.

“Coewald!” Ele cumprimenta meu vizinho, que abaixa sua cabeça respeitosamente, “Diga a sua esposa que a menina cresça forte e saudável, que meu pai tem orgulho de você e que não há melhor parteira em todo o reino.”

“Obrigado, *Ætheling*.” Coewald não levanta seus olhos e o tom de sua voz é tenso. “Eu espero que seu filho mais velho também seja saudável.”

“Yffe? Ele é um grande homem agora. Em breve o trarei para matar alguns galeses conosco” Ele ri, e alguns homens se juntam a ele.

Eu já conhecia Yffe desde o nascimento. Ele é um alegre e animado garoto, a alegria de qualquer casa. A última vez que o vi foi há seis anos, em outra época, quando ele e seu pai foram batizados em Eorferwic, renunciando a fé de seus antepassados.

Coewald não pode levantar os olhos. Ele está cagando de medo, como eu. Osfrith lhe dá um tapinha no ombro tentando incutir confiança.

“Anime-se, homem! Hoje é um grande dia. Esta noite nós vamos beber no acampamento de nosso inimigo, e mais tarde você poderá volta para casa e dizer aos seus dez pequenos como fora bravo.”

Coewald assente, um pouco convencido, e Osfrith continua, até parar mim. Agora eu sou quem enrubesce; eu nunca gostei de ser o centro das atenções. A mão de meu senhor, enluvada de couro, ergue meu queixo e minha face para olhá-lo no olho.

“Eappa!” Ele pronuncia meu nome como um gorjeio. Ele me odeia, eu sei. Ele gosta de minha esposa, mas a lei me protege e enquanto eu viver ele não pode tê-la. “Lembre-se de que você ainda me deve uma vaca. Eu somente o perdoarei se hoje matar dez galeses cagões. Eu quero você na linha de frente.”

“Æthel...” As palavras travam em minha boca. Ele ri, gesticula à sua escolta para realizar seus desejos, e se afasta de mim. Um de seus escudeiros, do tipo barbudo corpulento, leva-me para longe de meus colegas e arrasta-me, alheio aos meus gritos e súplicas, para o centro do campo de batalha, onde a elite de Osfrith formava suas fileiras. Eles são todos homens de guerra, com rostos sérios, ferozes e terríveis, revestidos em ferro, armados com espadas e lanças. Eles são os mais bravos, aqueles que tem de suportar o mais amargo da batalha.

Meu destino, meu *Wyrd*, está escrito.

Em noutro tempo, Osfrith não me parecia um garoto mau, só caprichoso, desde que nada o desencorajava quando colocava seu foco em alguma coisa; é por causa de seu pai, que o repreendia demais. Agora pra mim ele é um egoísta e um bastardo mimado.

Nada parecido com seu irmão Eadfrith, o outro filho de rei Eadwine, reto e santo como um clérigo cristão, mas impiedoso em batalha. Oxalá tivesse sido escolhido por ele como senhor. Só se importa com que seus servos colem o devido imposto; não se interessa pelas mulheres, crianças ou vacas dos outros.

Eadfrith é um pouco mais novo que Osfrith e é um *drythen*, um chefe militar, em todos os sentidos. Ele escolhe e treina seus guerreiros pessoalmente. Ele os equipa com as melhores armas e os lidera nas operações mais arriscadas. Seu pai tem orgulho dele; eu sei porque vejo como olha para ele. E porque o grande rei Eadwine também ama a guerra.

Ambos Osfrith e Eadfrith são filhos de Coenburh, primeira esposa de Eadwine e filha de Cearl, outrora rei de *Mierce*.

Pensar em Eadwine me traz boas memórias, pois o *cyning* Eadwine de *Deira* é para mim mais do que um rei. Ele é o irmão que eu sempre quis, e houve um tempo em que, talvez, esse desejo pudesse ter sido compartilhado.

Quando você está do lado dele não se sente pequeno, como com o seu filho; se sente sendo o mais afortunado no mundo, mesmo se apenas estiver servindo como escabelo de seus pés para subir em sua sela. Eadwine é alto, embora os anos pesem sobre ele, magro como uma vara de cinzeiro, e seu cabelo mal começa a ficar cinza apesar de estar perto dos cinquenta.

Eadwine, filho de *Ælle*, não foi sempre o rei. Por anos ele esteve no exílio enquanto o reino de *Deira* era regido por *Æthelfrith* da *Bernaccia*. Foi nesta época em que ele ficava vagando de um reino a outro, seguido por alguns poucos leais, que se casou com Coenburh de *Mierce* e teve dois filhos.

Dezessete anos atrás, Eadwine persuadiu o grande *Rædwald*, rei da *Ânglia Oriental*, à sua causa e juntos mataram *Æthelfrith* em batalha. Desde então, Eadwine tem sido o rei da *Bernaccia* e *Deira*, e após a morte de *Rædwald* se tornou o homem mais poderoso entre os anglos e os saxões –um *brytenwalda*. Ou como os inimigos dizem: *Vrenhin Lloegr*, o rei de *Lloegr*, que é como eles chamam *Britannia*.

Me lembro de uma época em que tive a oportunidade de conhecê-lo bem, a ele e seus filhos. Eu era um clérigo de Odin e os aconselhei, e graças a isso aprendi como a ficar longe da guerra. Eu era feliz, e pensava que sempre seria assim. Eu sei, eu era um idiota!

Mas depois, a politicagem fez Eadwine casar-se com Æthelburh, irmã do rei de *Centware*, o devoto Eadbald.

Centware é um reino juto no sul, profundamente influenciado pelos francos, e cristãos. O Cristianismo é a fé que está se alastrando por todos os lugares.

Como parte do acordo de alianças, meu amado rei Eadwine se tornou um cristão nas mãos do bispo Paulinus, meu rival, no 12 de abril de seis anos atrás. Paulinus tramou contra mim e qualquer coisa que lembrasse os antigos deuses no reino. Embora sabendo que o coração de meu rei ainda era pagão, não havia mais nada para mim a não ser deixá-lo.

Ele me deu uma fazenda nas terras de seu filho Osfrith e me fez seu servo. Eu levei minha esposa e dediquei-me a arar os campos e trazer crianças ao mundo. Até o dia de hoje, para o qual eu fui convocado para tomar parte na batalha mais importante de nosso tempo, as coisas não estavam indo mal.

Ouço os berrantes, e minha testa começa a suar quando o primeiro galês aparece em meio as árvores sobre uma colina ao sul de nossa posição. Eles são figuras sombrias, com um aspecto sinistro que me faz ficar de cabelo em pé. Olho para o céu plúmbeo e imploro aos deuses coragem para enfrentar o que o dia prepara pra mim.

Lá vem Cadwallon ap Cadfan, o *Ri* de *Gwynedd*, Grão-Rei dos Bretões. Eu tinha esperanças de que nossos inimigos não se juntassem à batalha neste dia, mas estava errado.

Gwynedd comanda os melhores homens dos reinos galeses, centenas de lanças. Eles nos odeiam por ter roubado suas terras, mas isso aconteceu a um par de gerações antes deles nascerem.

Se Eadwine é um titã, o melhor rei dos anglos já conhecido, Cadwallon é seu *alter ego*, uma lenda entre seu povo, capaz de unir os galeses e liderá-los à vitória. Alguns dizem que ele é um segundo Arthur, mas acho que nada antes causou tantas perdas ao nosso povo...

Cadwallon, que os deuses o amaldiçoem, já matou mais anglos do que todos os reis anteriores juntos. Seu nome é usado pelas mães em *Deira* para assustar as crianças antes da hora de dormir. Sem ele, Eadwine já teria há muito tempo unificado todo o norte, *Norþanhymbra*, e todas aquelas guerras já teriam acabado. Mas Cadwallon e Eadwine são dois sóis que disputam a brilhar, dois gigantes que não cabem no mesmo mundo... Os homens dizem que eles são deuses e que quando morrerem, suas guerras continuarão no *Wælcyrge*. Mas aqueles que dizem isso são uns tolos.

Juntamente com Cadwallon veio seu cunhado, Penda, com seu exército. Ætheling Penda dos anglos de *Mierce*, embora muitos já o chamam de *Cyning* Penda -que significa

rei- de *Mércia*. Nossos irmãos do sul preferem lutar ao lado dos galeses, mas como podemos culpá-los se estamos sempre roubando seus gados e mulheres?

Eles dizem que Penda é uma estrela ascendente, que nunca será tão grande quanto Eadwine ou Cadwallon mas sobreviverá quando ambos sóis se apagarem. Penda é um dos doze filhos de Pybba, que sempre se importava mais em engravidar suas esposas do que no ofício de armas. Mas Penda não é como o pai. Ele tem ambição e ama sua espada mais do que sua própria prole.

Eu nunca vi Penda, mas já ouvi coisas. Eles dizem que é guerreiro de nascimento, um homem sem escrúpulos que anseia ser o *brytenwalda* sobre todas as coisas. Ouvi dizer que ele é um homem duro, violento, teimoso como uma mula... E que sua mãe é era uma bretã e que considera a si mesmo mais bretão do que anglo.

Agora ele vem à frente do seu povo para nos matar.

Eu gostaria de ter nascido numa época menos ofuscada pelo terror das armas, para poder ler em pergaminhos ou escutar nos círculos em torno das fogueiras como houve uma época de heróis, como Eadwine e Cadwallon se enfrentaram em *Haethfelth*, próximo a *Caer Daun*, em uma batalha épica: *A Batalha Final*. Mas não tem sido assim, e o som dos berrantes em minha volta nos chamam para a guerra.

Os homens batem nos escudos com as lanças e gritam para espantar o medo. Há alguns sacerdotes. Eadwine os permite, agora que é cristão, e espalham bênçãos entre a tropa, que as aceitam alegremente, dispostos a tentar ganhar o favor do novo Deus. Os velhos deuses estão morrendo, e é para mim viver nos tempos da espada.

II

Nossos inimigos formaram-se sobre uma longa colina; nós podemos vê-los do topo de nossa colina. Eu posso imaginar o alívio deles em deixar os pântanos e florestas profundas que povoam estas terras fronteiriças. É sempre um alívio deixar para trás as constantes picadas de mosquitos, não sentir a lama até os joelhos, o linho de sua túnica interior colando o seu corpo com seu próprio suor, e tornando a lã que você usa insuportável. Eu posso imaginar isso porque foi o que eu senti quando chegamos aqui algumas horas atrás.

Ou talvez eles não tiveram tempo para sentir nada porque olhavam-nos, centenas de anglos do norte, esperando por eles de cima. Eles sabem que nós não iremos deixá-los sem uma luta. Eles podem estar com medo de nosso rei que já matou tantos homens e venceu tantas batalhas; talvez eles o temem tanto quando nós tememos Cadwallon e Penda.

Agora eles estão em *Haethfelth*, ou *Meicen*, que é como eles chamam esta terra em seu idioma musical, uma vasta charneca de urze, o lugar que nosso rei escolheu para a batalha. Eles são mais numerosos, mas nossos oficiais têm em mente que temos a vantagem do ponto elevado.

Vejo seus elmos brilharem quando um raio de sol surge entre as nuvens, seus escudos formarem uma parede e avançarem ao som dos berrantes, e seus estandartes se agitarem com o vento congelante do norte.

Eles avançam... Não têm dúvidas? Não têm medo?

Passaram por muitos dias de sofrida caminhada. Não marcharão para longe sem luta.

À nossa esquerda, o berrante de Eadwine, nosso rei, soa e vemos seu estandarte se afastar com a cavalaria para o flanco direito. Tudo está pronto.

Um tumulto se inicia. Os oficiais se movem ordenando as fileiras, dispondo os homens. Alguns guerreiros, aterrorizados, ficam paralizados e os oficiais os sacudem até que voltem a si; há alguns que tentam fugir e são espancados até a morte.

“Nós viemos aqui para vencer ou morrer!”, arengavam. “Se hoje formos derrotados, amanhã suas esposas estarão deitadas com alguns galeses sujos ou o filho cagão do rei Penda!”. Os oficiais são a força vital do exército do rei Eadwine; sem eles nós já teríamos começado a correr há muito tempo. “Aperte bem sua lança e seu escudo. Lembrem-se do que os foi ensinado.”

Oficiais são *ealdorman*, os possuidores de terras, e *drythen*, os chefes militares que comandam as tropas.

Tenho meu escudo em minha frente, entrelaçado com o de um veterano, que parece pouco satisfeito por me ter à sua direita.

“Se me ferrar, eu irei te matar seu bastardo.”, rosna pra mim.

Eu tentei dizer alguma coisa em resposta, mas só falei murmúrios sem sentido. Ele ri e cospe nos meus pés quando percebe que minhas mãos estão tremendo.

“Osfrith desgraçado de merda”, resmunga antes de voltar o rosto para frente denovo.

Ouçõ alguém fungando atrás de mim. É um dos homens que irá tomar meu lugar na parede de escudos se eu cair.

Guerreiros murmuram em minha volta; alguns rezam silenciosamente. Eles são os veteranos de outras batalhas, homens curtidos que para meus olhos parecem mais rochas do que carne.

O soldado à minha direita tem um tique; ele não para de abrir e fechar os olhos. Por outro lado, parece sereno, duro como uma barra de chumbo. Mas seu pisca-pisca constante me perturba inexplicavelmente.

Nosso senhor, Osfrith, tirou seu elmo e levantou sua cabeleira loira ao vento, então todos pudemos reconhecê-lo. Ele se juntou a nós no meio do campo de batalha. Lá, se junta aos seus mais fiéis seguidores, homens revestidos em ferro, armados com espadas, lanças e escudos... Homens de guerra.

O filho do rei faz piadas, e não posso evitar de sentir inveja da confiança que ele tem nele mesmo. Vejo como golpeia o peito de seus homens, exalta sua masculinidade; faz brincadeiras, e seus veteranos riem.

Todos estão prontos para matar menos eu, eu sei.

Parou de chover, mas o vento continua chicoteando nossos mantos e túnicas, congelando os músculos. Penso em minha esposa e nas crianças, que devem estar rezando para o meu retorno; e meus pais, já mortos, que sempre acreditaram que eu seria um homem bem sucedido.

Lembro-me da época em que minha única preocupação era interpretar o voo dos pássaros ou as entranhas de uma besta. Bons tempos, tempos passados.

Tento repetir meu nome em voz baixa: Eappa, Eappa... Eu sou Eappa Eappaling. Mas as palavras me parecem tão ocas, tão vazias de sentido!

As memórias vêm à tona, talvez tentando restaurar alguma sanidade, mas são incapazes de superar o medo. Estou a ponto de enfrentar a morte e perder tudo. Eu pensei na morte várias vezes, mas sempre a vi tão distante, que agora, quando está na minha frente esperando-me de braços abertos, sou incapaz de dominar o desconforto que me invade. E as horas de espera não ajudaram em nada, a não ser para continuar pensando e temendo.

Não sou idiota. Os galeses estão aqui e avançam, e eu estou na primeira fileira, preparado para a navalha como um desses cordeiros sacrificados no passado para ler os presságios.

Sei que vou morrer, sei que não voltarei a ver minha esposa ou a sentir os abraços de meus filhos. Não voltarei a ordenhar minhas cabras, nem a colocar armadilhas para as raposas.

Noto que meus olhos estão chorando. Meu corpo estremece e não consigo evitar. Amaldiçoo os deuses, não deveria estar aqui, nunca matei um homem.

Balanço os pés para desinchá-los. Doeram muito depois da longa caminhada durante a noite, esquivando de colinas e passando entre as árvores, sem mesmo podermos ver uns aos outros em meio à escuridão.

Não é somente eu, todos os homens estão cansados e têm sono, mas ainda recordo o discurso que Osfrith nos fez: segundo ele, seu pai havia feito uma jogada de mestre à frente do movimento do inimigo bloqueando seu caminho ao nosso território. “É melhor lutar em *Elmet*”, nos assegurou, “do que entre o resto de nossas cabanas queimadas em *Deira*”.

Elmet era um antigo reino bretão que agora pertence à Eadwine. Ainda que muitas famílias de bons anglos tenham ocupado o local, seus povos continuam sendo em sua maioria famintos e sujos bretões para os quais não damos a mínima. Bretões? Não, galeses! Esta é a palavra depreciativa que usamos, os anglos, para denominar este povo de deserdados. Sinto uma pontada de raiva quanto a eles, e a agarro diante da desolação que toma conta de mim.

Nós escolhemos o campo de batalha e agora estes galeses de *Gwynedd* e os anglos de *Mierce* têm um exército adiante e as águas dos rios atrás. Se vencermos, será o fim de Cadwallon e Penda, o fim da guerra. Oxalá!

Ao meu redor a tensão poderia ser cortada com uma navalha, enquanto os homens observavam como os bretões se organizavam. Até mesmo os veteranos que me cercam parecem calados e nervosos.

Vejo como Osfrith continua passeando diante dos homens, sorridente e firme como um galo de peleja.

“Veja!”, grita enquanto observa o horizonte de onde os bretões eriçam suas lanças sobre a colina. “Lá vem eles! São os descendentes dos homens que perderam suas terras e suas esposas nas mãos de nossos avós, porque estes eram mais fortes do que eles. Não somos nós tão grandes quanto nossos avós? Não carregamos o mesmo sangue? Não amamos guerra tanto quanto eles? Nós somos gigantes!”

Surgem gestos de aprovação em todos à minha volta, aplaudindo. Percebo entusiasmo... orgulho.

“E não estou falando do que escondemos entre nossas pernas, não é *Æðelbeorht*?” Ele para diante de um experiente *hearthweru*, um de seus guarda-costas mais queridos, e da uma pancada em seu ombro.

Ri, e os homens riem com ele. Parece que parte dos nervos se dissipam. Até mesmo eu me sinto algo mais aliviado.

Osfrith desembainha sua espada e bate nos escudos dos soldados diante dos quais passa. “Cada um de vocês vale por dez deles!” ele exclama, e vejo os soldados levantarem suas armas e uivarem como lobos ferozes.

“Escutem-me!” Osfrith retoma a atenção de todos. “Nós não somos homens, nós somos guerreiros! Nós somos o sangue de Odin, e o que fizermos hoje será louvado por todos os bardos. Estão me escutando bem? Hoje todos vocês alcançarão a imortalidade!”

Os homens caem em gritos de entusiasmo. Percebo que estou gritando junto com eles também; preciso ouvi-lo, pensar em outra coisa, espantar o medo. Ele está me oferecendo a oportunidade de ser mais do que um homem, para brilhar nesta escuridão e neste mundo esquecido.

Osfrith aproxima-se, batendo nos escudos dos homens pelos quais passa.

“Hoje alguns de nós morrerão”, ele fixa o olhar em mim e pisca; estremeço. “Mas isso importa quando se alcança a glória? Não é melhor aproveitar uma eternidade de festas e prazeres em *Waelcyrge*?”

Ele passa diante de mim, e bate sua espada em meu escudo, como nos outros. Eu me sinto honrado e agradecido. Neste momento poderia morrer por ele, mesmo odiando-o pelos seus interesses em minha esposa. Mas ele é o filho de um rei, e eu uma mera pulga, e mesmo assim ele colocou os olhos em mim, e bateu em meu escudo. “Nós somos guerreiros!” Ouço ele repetir. “Por ventura não matou *Ecgberht Creoding* três bretões na última batalha sozinho?” Osfrith sorri para um homem na segunda fileira -a uns dez passos de onde estou- e aponta para ele com a espada. *Ecgberht* enche o peito e bate no seu escudo com sua espada. “Por ventura será o resto de nós menor do que ele?”

Os homens respondem não, que iriam matar centenas de galeses cada. Percebo que estou a bradar junto a eles. Osfrith abre um espaço entre os soldados, na primeira

fileira, ocupada pelos seus mais queridos e bravos. Nós somos o centro das forças da *Bernaccia* e *Deira*, os melhores dos anglos do norte.

“Eu estou com vocês!” exclama o filho do rei Eadwine enquanto coloca seu elmo adereçado com crina negra, e junta seu escudo aos de seus guerreiros. “Lutarei e sangrarei ao vosso lado!”

Adiante, os bretões começam à descer a colina; eles parecem vir todos de uma vez só. Cadwallon está vindo para vencer ou morrer nesta batalha. Pelos comentários daqueles ao meu redor, entendo que o Grão-Rei, o próprio, deve estar na direita, com sua infataria etilária e cavalaria, num lugar de honra. Mas ainda tenho dúvidas, porque não vejo o estandarte real tremeluzir nos céus, embora tenham várias bandeiras de casas nobres de *Gwynedd* e outros reinos galeses, juntamente a um grande grupo de cavaleiros.

No centro inimigo, o número de estandartes é multiplicado. A maioria de *Gwynedd*, mas também de outros reinos como *Pengwern*, *Powys* ou *Dyfed* –até mesmo da longíngua *Dumnonia*.

“Lá está ele!” diz um dos homens à duas fileiras atrás de mim, o sujeito de sorte. “Lá está o rei galês bastardo!”

Seguindo a direção de seu dedo ao centro da formação do inimigo, pude ver um estandarte maior do que os outros, de cor vermelha e dourada, com algum desenho que falhei em distinguir. Junto a ele, há outro mais estilizado com forma de cabeça de dragão, um *draco*.

Tento espreitar a vista até que me doa. Justamente na frente do estandarte há um homem montado num cavalo, revestido em ferro brilhante, observando-nos. Ele aponta para diferentes posições de nossa fileira dizendo alguma coisa com seus oficiais que estão atrás dele. Poderia este ser Cadwallon, o Grão-Rei dos Bretões, a lenda viva?

À minha direita o homem não consegue parar de piscar os olhos agitados nervosamente. “O bastardo está tramando alguma coisa.” ouço-o resmungar entre os dentes; não está falando comigo, eu sei, mas não pude evitar olhá-lo. “O que está olhando, idiota?” esbraveja, e então volto meu olhar para longe.

Ouço o homem à minha esquerda ri. “Merda Herewalde, cale a boca! Ele irá mijar nele mesmo por causa de você, e já está cheirando mal aqui!”

Olho para frente; Não ousou mexer um músculo. Sinto meu rosto queimar, e posso imaginá-lo vermelho de vergonha.

Meu olhos vão agora para o flanco esquerdo da linha inimiga, no qual tremulam as estandartes dos anglos de *Mierce*. Eu não sei muito sobre a guerra, mas acho que

Penda deve estar no lugar de direito no flanco esquerdo, o segundo lugar mais importante, à frente de nosso rei Eadwine.

Contudo, Cadwallon não está no flanco direito, e sim no centro, o que confunde os veteranos que me rodeiam. O que está planejando o Grão-Rei dos Bretões?

Os galeses desceram o terreno irregular que une seus outeiro a nossa colina e pararam. Vejo homens a cavalo que cavalgam na frente, posicionando os guerreiros, encorajando-os, incentivando seus dejesos de batalha. Vejo que os bretões não formam uma parede de escudos tão fechada como a nossa, tentando deixar mais espaço para cada guerreiro. Vejo como os estandartes tomam posições junto a cada senhor de guerra, cada oficial, para que os homens possam vê-los e indentificá-los simplesmente olhando pra cima.

Vejo os clérigos cristãos distribuindo perdões e rezando. Homens se ajoelham e abaixam a cabeça diante deles, e em seguida levantam, visivelmente mais tranquilos depois de passarem.

Como se sentirá nosso inimigo? Terão eles tanto medo quanto eu, ou são homens decididos?

“Há mais de cinco mil homens ali embaixo.” suspira alguém atrás de mim. Não sei como pôde contá-los, mas os números correm rapidamente de um lado a outro da parede de escudos. Formaram largas paredes de escudos com mais de seis linhas de profundidade e uma frente de cerca de um quilômetro de extensão. Não sei se seriam cinco mil, mas está claro que são demasiadamente muitos.

À esquerda da formação inimiga, chega-me o estrondo provocado pelos anglos de Penda, quando os homens golpeiam seus escudos com suas armas e gritam. Há sacerdotes pagãos entre aqueles que se aproximam de nossas linhas à distância de um tiro de pedra. Uivam e nos chamam de covardes. Nos dizem para descer, enquanto nos amaldiçoam em nome dos deuses e dançam para nos lançar mal olhado.

Penda Pybbing descende por parte de pai do deus Odin, pelo menos é assim que dizem. Por isso continua sendo pagão e odeia o cristianismo. Se eu tivesse nascido em seu reino, agora estaria dançando com aqueles bastardos, e logo me retiraria por detrás do exército, a salvo da carnificina.

Os berrantes soam, os estandartes balançam, os sacerdotes pagãos e cristãos se retiram; e a parede de escudos do inimigo se abre para dar espaço aos arqueiros.

Falta pouco. Não sei muito sobre batalhas, mas tenho certeza que geralmente começam com as flechas.

Nós não nos movemos, continuamos no alto da colina. Se os galeses quiserem vir a nós, terão de subir. A inclinação não é íngrime, mas está lamacenta e então se cansarão. E quando estiverem perto, poderemos atacá-los ladeira abaixo.

Os novos clérigos cristãos do rei Eadwine estão distribuindo suas cerimônias entre as tropas. Falam latim e não entendo nada.

Um desses sacerdotes chega diante de mim e pronuncia seus feitiços. Em outros tempos eu teria cuspidado nele e o chamado de corvo, mas agora me limito a baixar a cabeça, sem me atrever a olhá-lo nos olhos. O poder do Deus cristão cresce cada dia mais enquanto o dos velhos deuses -meus deuses- diminui.

“Nossos escaramuçadores se movem!”. Em uma parede de escudos as notícias voam de um companheiro ao outro que tens do lado, e logo todo mundo sabe o que está acontecendo em outro lugar.

O escaramuçador não é o guerreiro mais valoroso entre os anglos, podendo suas fileiras estarem compostas por pobres e deserdados. Mas é sempre melhor que avancem na frente para receber as flechas e javalinas dos inimigos.

Não posso vê-los, mas circula a voz de que estão se movimentando à nossa direita e avançam para cobrir toda a frente. São arqueiros, javalineiros, fundeiros e outros bandos do tipo. Homens cuja vida não importa muito, entre os quais eu poderia estar se meu senhor, rei Eadwine, não houvesse me dado lar e terra boa para cultivar. Sou um *kotsetla*, um camponês acomodado que pode dispor de uma lança, escudo, um afiado *seax* e boas javalinas.

Finalmente os vejo aproximar, estão avançando cobrindo toda frente de batalha. Devem ser mais de quatrocentos. Vão dispersos, guiados por seus líderes para situá-los frente aos arqueiros bretões.

Aqueles homens devem estar esgotados. Enquanto nós caminhávamos durante toda a noite, os escaramuçadores levavam dias sem dormir, assediando ao inimigo, retardando-os. Graças a eles, nosso *cyning*, Eadwine, ganhou tempo suficiente para reunir as hostes de *Deira*, e para que os reforços do norte, da *Bernaccia*, chegassem. Graças a eles, hoje podemos combater aqui com a vantagem do terreno, no conquistado reino bretão de *Elmet*, neste campo lamacento, não em uma *Deira* desolada pelos passos dos exércitos.

Aqueles homens são heróis que levam dias nas florestas lutando por cada palmo de terreno. Mas na verdade, eles não importam. Serão desprezados, como desprezam a mim, porque são a escória, incapazes de dispor de uma lança e um escudo, de lutar homem a homem, cara a cara, mano a mano.

Um berrante toca atrás de mim. Sua melodia se estende ao longo das fileiras até morrer. Osfrith dá uma ordem e o estandarte tremula. Os *drythen* de *Deira* e *Bernaccia* despacham ordens aos homens e avançamos alguns metros até situarmos no final do declive da colina, de modo que nossos inimigos terão de combater sempre olhando para cima.

Nos obrigam a reduzir a profundidade de nossas linhas a quatro homens de fundo e a abrir um pouco mais nossa formação para deixar nossa frente mais comprida,

ocupando toda a colina e assim evitando que nossos inimigos, que nos dobram em número, possam nos flanquear quando atacarmos.

Nossa parede de escudos não é muito fechada e não pude evitar sentir-me desprotegido. Pelos rumores que ouço, o resto dos guerreiros que me rodeiam tampouco parecem contentes também.

Os clérigos cristãos aproveitam a oportunidade para se juntaram à retaguarda, onde estarão a salvo. Onde eu deveria estar.

Os oficiais não param nem um segundo, correndo daqui a ali reordenando as fileiras. Na excassa instrução recebida quando juntei-me ao exército, descobri que é fácil ao avançar, perder a sincronia ou a perfeição da nossa parede de escudos. E que, as formações sempre tendem à ir para a direita porque os homens buscam proteger o máximo possível do corpo com o escudo e com o do companheiro que caminha à sua direita. Mas ali estão eles, recompondo, animando os homens, castigando aos mais débeis. Como já disse, eles são o coração deste exército.

Somos mais de dois mil homens. Nós, do centro, somos a maioria de *Deira* ou *Bernaccia* e estamos sob o comando do filho do rei, o *Ætheling* Osfrith. À direita, todos os homens são de *Deira*, veteranos de mil batalhas. Entre eles está a cavalaria do rei, com o próprio *cyning* Eadwine à frente.

Em outras ocasiões, ouvi dizer que o rei havia levado a cavalaria ao flanco inimigo e que, desmontados, atacaram para desorganizar a formação deles. Não sei se hoje ele fará isso; nossos inimigos nos superam em centenas de homens e têm a frente um guerreiro feroz, o rei Penda.

O flanco esquerdo é comandado pelo *Ætheling* Eadfrith, sob cujas ordens servem homens de outros lugares, até mesmo bretões da conquistada *Elmet* ou anglos do reino tributário de *Lindisware*.

Eadfrith terá de lidar com a frente das hostes galesas de vários reinos e o grosso da cavalaria de *Gwynedd*. A presença do Grão-Rei Cadwallon à frente nos havia criado espanto; os veteranos ao meu redor dizem que as batalhas raramente se decidem no centro, e sim nas alas, e que se Eadfrith segurar sua posição frente aos galeses e a cavalaria de *Gwynedd* tempo suficiente, nosso rei Eadwine romperá o inimigo pela direita e adentrará suas linhas causando morte. Então o inimigo fugiria e todos que restassem seriam perseguidos e o saque recolhido...

Assim dizem, e desejo que tenham razão; alguns destes homens vêm combatendo desde antes de meu nascimento.

É meio-dia, mas o sol apenas espreita em um céu dominado por nuvens carregadas de chuva. Abaixo, os berrantes soam, sucedendo uns aos outros. Ouvimos os bretões cantarem, gritarem e golparem os escudos, que talvez seja uma boa forma de espantar o medo. Então, avançam, começam a lenta subida da colina, passo a passo,

protegidos por uma camada por arqueiros que logo estarão atirando em nossos escaramuçadores.

Desejava que a colina fosse mais íngreme e o campo estivesse mais lamacento. Um metro... Dois metros..., não param, continuam vindo; que os deuses nos protejam. Continuam vindo! Vejo suas linhas de escudos pintados com emblemas de diversas cores, com especial abundância de símbolos cristãos sobre fundo branco. Vejo seus cabelos castanhos e o brilho das cotas de malha. Seus berrantes mortificam meus ouvidos, seus gritos apavoram minha alma. Continuam vindo!

Meus dentes estão rangendo, o braço que segura a lança está tremendo. Desejava estar em outro lugar, mas é para mim viver nos tempos da espada.

Não sei se já disse, mas esta é minha primeira batalha e nunca matei um homem... Continuam vindo! O vento parou de soprar, mas ainda sinto frio. Muito frio e muito medo.

III

Um raio de sol esgueira-se entre as nuvens carregadas de tempestades e vai ao centro do campo de batalha fazendo a grama molhada brilhar.

Como se fosse um sinal, voa a primeira flecha, disparada por um de nossos escaramuçadores; logo os outros o imitam, transformando o céu em uma chuva de madeira e pedra. Uma chuva mortal que cae sobre os arqueiros galeses, semeando a morte.

Entre as linhas dos anglos surge um murmúrio de euforia pela primeira gota de sangue derramada. “Os arqueiros galeses avançam em formação aberta, não os causaremos muitas baixas.” murmura alguém. Sempre há um pensimista, como se não tivéssemos o bastante.

Alguns arqueiros param para arrastar seus companheiros feridos para longe de nossos projéteis, mas a maioria se posiciona em uma larga frente, e a um sinal carregam e disparam, à uma velocidade que somente uma vida inteira de treino proporciona. Disparam repetidamente, e nossos escaramuçadores atiram de volta.

É incrível ver como o sol se enche de flechas, dardos e pedras, e como os homens tentam se esquivar dos projéteis de seus inimigos calculando sua trajetória, e ao mesmo tempo disparando os seus próprios.

Logo os ferimentos dos mortos e feridos começam a serem expostos. Homens que mancham a urze de sangue, que gritam e se arrastam, homens que deixam a vida na mais terrível dos cenários.

“A escória está fazendo um bom trabalho.” comenta um veterano não muito longe.

“Sim; melhor eles do que nós.” replica outro enquanto coça a virilha, “Não que essas flechas, dardos e pedras me preocupem. Não matam muito” ressalta com rapidez, quando os demais o fitam em busca de algum sinal de covardia, “mas toda essa merda

ajuda, e muito, a desorganizar, desmoralizar, ou a manter o escudo abaixado o tempo todo, não é?

“Sim” o apoia um terceiro homem, mui sério, sem olhar para ninguém, “e enquanto se protege da tempestade, o inimigo aproveita para flanqueá-lo, e então tudo acaba. Já passei por isso antes. Enquanto os galeses gastam suas flechas com a escória podemos dar graças aos deuses.” Muitos homens assentem e absorvo o que eles dizem, porque minha vida depende disto.

Alegro-me de que nossos escaramuçadores estejam lá, trocando fogo, sofrendo as baixas. Se não fossem eles, seríamos nós que sofreríamos as flechas inimigas.

Nunca lutei em uma batalha, mas por instinto, de alguma maneira, começo a compreender os mecanismos da guerra. Só por estar aqui, à beira da morte, talvez minha mente aprenda mais rápido.

Alguns de nossos escaramuçadores, equipados com javalinas, correm aos inimigos, causando mais dano que as flechas; há quem até mesmo saque sua faca de osso ou de ferro barato e cai matando sobre os inimigos antes de morrer. São loucos heróis suicidas, cujo valor nunca será reconhecido. Devo dizer que a luta tem algo hipnótico, embriagador, algo que me impede de afastar os olhos da carnificina. Viemos aqui matar homens que não conhecemos nem nunca nos fizeram nada, dispostos a perder tudo. Alguns dizem a batalha é poesia... para mim é pura loucura.

Sinto-me só, apesar de estar rodeado por milhares de homens; me sinto único. Já ouvi falar antes deste sentimento em alguns velhos soldados, nas fogueiras. Dizem que é a última fronteira, quando sua mente e seu corpo aceitam que o fim pode estar próximo, que debes deixar para trás as preocupações da vida para enfrentar a morte.

E devo estar certo, pois já não sinto medo. Ou não da mesma forma. Um terror profundo continua dentro de mim, mas algo o está calando para permitir-me dominar meu corpo. A raiva esquentando meus músculos dormentes pelo frio; sei que quando começar a mover-me estarão prontos. Sei que minha mente funciona mais ágil e com mais clareza do que nunca.

Neste instante, neste momento, libertei-me de todo o peso da vida, dos sonhos, do amor, das obrigações e das saudades. Sinto que deixei para trás uma pesada carga para poder lidar com o futuro mais demolidor que possa deparar-me neste campo de batalha. Não me importa se os dentes ranjam ou se as pernas fraquejem, ou que volte a me mijar. Estou preparado.

“Pelos deuses.... Há homens ali!” a voz de um homem atrás de mim me lembra de que estou rodeado de soldados. Seu braço aponta por cima do meu ombro um pequeno bosque à nossa esquerda. Não sei o que aponta, não vejo nada.

Espere! Sim, há homens entre a vegetação, homens que ganharam parte da colina sobre os bosques e avançam contra o nosso flanco. Não são muitos, não parecem muitos, mas se aproximaram mais do que nenhum outro galês até agora.

“Escaramuçadores.” murmura Herewald, o homem que está à minha direita, sem dar-lhes muita importância. “Espalhe a informação ao nosso flanco, pois de onde estão não podem vê-los.”

“Não são mais do que a escória do pior tipo.” cospe outro guerreiro, mostrando-se o valente, mas que se assuta como os demais quando o chão treme debaixo de nossos pés. É um ruído surdo que se intensifica e parece ter o mesmo ritmo de nosso coração. De repente, à nossa frente, passa galopando toda a cavalaria de nosso flanco esquerdo.

Levantando nossas cabeças vemos a nosso senhor Eadfrith, vestido com uma polida armadura de escamas e com um elmo emplumado com crina de cabelo ruivo. É um homem alto e corpulento, e parece um gigante sobre os pequenos e barrigudos cavalos.

São mais de cem cavaleiros que cavalgam à nossa frente, e logo, descem a colina. Nossos escaramuçadores rapidamente abrem caminho para eles, para não serem atropelados, e os arqueiros inimigos não pensam duas vezes antes de se dispersarem buscando espacar da matança que vem à tona.

Mas Eadfrith não está interessado neles. Ou ao menos não pretende matá-los; somente pôr-los em fuga. Seguindo uma ordem sua, a cavalaria faz uma brilhante curva que a situa paralelamente à frente de nossos inimigos, e lançam uma javalina atrás de outra sobre eles, obrigando-os a refugiarem-se atrás do escudo, e matando alguns homens. Depois, Eadfrith conduz sua cavalaria até o nosso flanco direito, onde está seu pai, o rei Eadwine.

É esperto, eu acho. Conseguiu em um momento interromper a troca de projéteis, colocar os arqueiros inimigos em fuga, e causar problemas à infantaria galesa que, pela primeira vez na batalha, sentiu o perigo de perto.

Apressou o embate, pois agora, sem os arqueiros e depois dos momentos de indecisão que nossos escaramuçadores aproveitaram para causarem baixas antes de retirarem-se, os galeses e os anglos de *Mierce* cerram as fileiras e sobem a colina, protegendo-se com grandes escudos redondos. De cima posso ver seus elmos de ferro, e a ponta de suas lanças e javalinas. Posso ver seus oficiais sobre cavalos barrigudos, atrás da formação da infantaria, dando ordens, e a seus senhores de guerra, liderando os homens na frente, ferozes e terríveis, vestidos como príncipes e exortando aos demais para que imitem sua coragem.

Posso ver a Cadwallon, que cavalga, seguido de uns poucos fiéis, ao seu flanco direito. O vejo dar ordens e reunir a cavalaria de *Gwynedd* em torno de seu estandarte. Os galeses avançam.

Continuam vindo! Tudo o que me separa da morte agora são algumas flechas.

Olho para trás, procurando alguma possível rota de fuga, mas todas são lanças, escudos e rostos ferozes. Antes de dar dois passos, eles me matariam por ser covarde, e Osfrith teria o caminho livre para minha cama e minha esposa.

Nestes momentos gostaria de ter hidromel nos meus lábios e que me desse coragem. Ouvi dizer que alguns homens combatem bêbados, e os compreendo perfeitamente, pois o álcool ajuda a suportar melhor o frio e embota a mente. Mas ainda me recordo de quando apanharam um camponês bebendo às escondidas durante os treinamentos. Diante de todos, como se fosse uma lição, um oficial armado com uma vara de aveleira arrastou o infrator sobre a lama.

“No exército de *Deira* não se permitem bêbados.” gritava a cada golpe. Não falava para ele, e sim para todos que estavam olhando. “O hidromel embaça os sentidos e deixa os homens muito confusos para a rígida organização exigida pela guerra. Está claro?”, o pobre infeliz respondia que sim, mas isso não o salvava de deixarem seu corpo irreconhecível.

Nossos oficiais caminham mais uma vez à nossa frente, revisando, tentando nos preparar para a defesa mais sólida ou para a carga mais demolidora. Um golpea minha perna e corrige a posição de meu braço. É do tipo feio com cara de sapo, robusto como um touro e com um bigode enorme. Leva um elmo alto, cobrido com um pequeno javali pintado de vermelho.

“Abaxe o escudo e esconda estas pernas, idiota, ou queres que as cortem? Essa lança, levante-a, sobre os ombros, com a ponta para baixo. Ninguém o ensinou a lutar?”, diz-me, mas logo fixa os olhos em um homem atrás de mim, e lati. “Tu! Fique atento para ocupar a primeira linha quando estriparem a este. Se a frente se romper aqui, juro a todos os outros que irão desejar não ter nascido.

Suspiro quando ele se distancia. Do que se queixa? A instrução para as levadas é rápida, dura os poucos dias que tarda o exército em juntar-se e pôr-se à marcha, e se baseia no todo em aprender a manter a formação, não nas sutilezas do uso das armas. Diferente dos outros homens, não tive um pai que me ensinasse a manusear a lança. De fato jamais pensei que tivesse necessidade de usá-la. Com um pouco de sorte, será ela quem estripará alguns galeses hoje.

Vejo que Osfrith também está dando um último passeio entre os homens. “Lute com bravura e mantenha-se firme.”, ouço-o dizer. “Proteja ao homem que tens ao lado e estarás protegendo a vós mesmos.”

“Vosso irmão é um herói, senhor.” diz alguém, algum bajulador. Osfrith torce a boca.

“Meu irmão deixou o flanco esquerdo sem cavalaria, e meia centena de escaramuçadores galeses surgiram do matagal, e estão agora disparando à vontade sobre nossos homens.” Nosso senhor se diverte com a gente. Logo o inimigo estará a um tiro de javalina e precisa ocupar seu posto.

Ouçoo os berrantes e as trombetas por toda nossa linha. O oficial com cara de sapo, que é o comandante mais próximo à minha posição, nos ordena preparar as javalinas. Eu

tenho duas. Deixo uma delas, junto com a lança, na mão do escudo, e preparo a outra. Os galeses estão subindo lentamente, mas sem pausa. Estão a uns trezentos metros.

Já posso ver seus rostos. Não são demônios, e se parecem com nós! São homens, como eu, que pensam, temem, amam, cuidam de suas mulheres e se orgulham de seus filhos, que celebram festas em tempos de boas colheitas, e passam fome no inverno quando o grão acaba.

Tento deixar essas ideias, que não me ajudam em nada, e recuperar o calor da raiva nos músculos. Logo, eles virão matar-me ou eu terei que matá-los. É o jogo da guerra, e necessito ser menos humano e mais uma besta.

Aparto meus olhos de seus rostos, e os coloco em seus escudos redondos, em seus elmos adornados com crina de cavalo, em suas polidas cotas de malha, em suas lanças e espadas. Temos à nossa frente a elite de *Gwynedd*, os guerreiros mais bem armados e treinados, e a quem Cadwallon estava motivando até o último minuto. A elite de *Gwynedd* que vem para enfrentar a elite de *Deira*... e a mim, que não sou mais do que um pobre camponês!

Distante, numa última olhada, observo que nosso rei, Eadwine, e seu filho, Eadfrith, levam a cavalaria mais abaixo, buscando o flanco do inimigo, e desmontados, formam uma parede de escudos, e avançam sobre os anglos de *Mierce*, tentando abrir duas frentes.

Da esquerda, nos chegam rumores de que alguns de nossos homens, de *Elmet* e *Bernaccia*, perderam a paciência e saíram em perseguição aos escaramuçadores bretões.

E menos agora posso aprender, pois os galeses estão aqui... Eles chegaram. “Fogo!”, a ordem corre por toda linha, e lançamos nossas javalinas. A maioria se choca contra os escudos de nossos inimigos, mas algumas ferem ou matam. Me cubro com o escudo quando vejo vir os projéteis de nossos inimigos. Meu braço treme quando uma ponta de aço atravessa a madeira de tília e surge a poucos centímetros de minha cara.

Respiro fundo. Abaixo o escudo. Lanço a segunda javalina. Volto a levantar o escudo. O assobio dos projéteis inimigos passa sobre minha cabeça; mais atrás, ouço alguns homens se queixarem e outros a uivarem de dor.

Seguro com força minha lança. Abaixo o escudo e o junto com os de meus companheiros. O inimigo está recompondo suas fileiras, e juntando coragem para a carga. Vejo seus rostos suados, a tensão em seus olhares, vejo como preparam as lanças.

Aproveito os segundos para pegar a javalina do meu escudo. “Homens, erguer lanças!” a voz do oficial com cara de sapo se estende ao longo da linha. “Preparar!”

Um alarido se estende por toda nossa frente. Homens que gritam, homens que cospem sua ansiedade e sua merda.

“Homens! Os deuses estão conosco! Coragem! O *Waelcyrge* está prometido aos melhores de vós! E o resto poderá desfrutar do saque e das mulheres de nossos inimigos!”

Vejo que os galeses conseguiram coragem e se dispõem a subir depressa os últimos trinta metros que os separam de nós.

Depois, rumores de uma ordem se espalham entre os homens, e logo o oficial com cara de sapo ecoa-a. “Homens! Agora! Atacar!”

Sinto que o escudo do homem que tenho atrás me empurra, e sua bossa me machuca as costas. Obriga-me a avançar, junto com toda linha. Meu coração bombeia com força, com força a ponto de explodir. Meu cérebro não pensa, deu lugar, finalmente, à besta. Ao meu redor, uma gritaria cresce em poder e em intensidade quando os homens clamam com selvageria seu grito de guerra. Junto-me a eles.

“*Dēap!*, *Dēap!*, *Dēap!*”

Os galeses sobem e nós descemos, e no meio de tudo isso, nós da frente tentamos guardar uma última distância para ter espaço de usar a lança, mas os de trás nos empurram, jogando-nos sobre os escudos do inimigo, e a madeira se choca com madeira em um ruído terrível, digno de um pesadelo, e a ponta da minha lança atravessa, por acaso, a um galês que se encontra na segunda linha.

Vejo, de lado, que a ponta está manchada, e que onde meu inimigo antes tinha o olho, agora só existe vazio e sangue, e logo, meu inimigo cai, e some de vista. Estremeço, tremo, choro, tudo ao mesmo tempo e nem sequer dou conta, ocupado como estou em levantar o escudo para que não me abram a garganta, e abaixá-lo quando deixo as pernas desprotegidas demais.

Reina a loucura, não posso pensar, atuo por instinto e um pouco de treinamento. Não sei como estou vivo quando ao meu redor não param de morrer homens. Meu companheiro de trás me empurra, sinto a frieza de sua bossa cravando-se no meu quadril, e sua lança passar por cima de meu ombro buscando a cabeça do galês que tenho em frente e ao mesmo tempo me impeli para frente.

Perdi minha lança, não sei quando nem como, mas era um traste inútil, pois todo meu interesse estava em evitar as estocadas e refugiar-me atrás do escudo; não tenho tempo para matar.

A princípio fizemos o inimigo retroceder pelo ímpeto de nossa carga descida abaixo, mas agora sua maior profundidade de linhas nos parou e me vejo avançando e retrocedendo segundo os vai e vens da batalha. Abaixo, meus pés tropeçam em alguns corpos caídos ou borrifam em alguma coisa que não é nem urze nem barro. O pavor me invade, e imagino o sangue cobrindo-me da cabeça aos pés.

Herewald, meu vizinho da direita, morreu. Posso vê-lo deslizando entre o escudo do inimigo que o empurra para frente e o do meu companheiro que tenta ocupar seu lugar de trás na frente. Um galês enfiou uma pequena espada debaixo de suas costelas, sendo de que nada o serviu a cota de malha. É possível que tenha sido culpa minha, pois me esqueci de protegê-lo como correspondia.

Escondo-me como posso atrás do escudo, grito com raiva e impotência. Pelo canto do olho vejo vir a ponta de uma lança; é o fim, compreendo, mas meu instinto levanta um dos braços, e a ponta me rasga a carne como se fosse de manteiga.

A dor é dilacerante, mas eu me desviei do ferro destinado a acabar com minha vida.

O odor do suor, da urina e do sangue ocupa todos os lugares. Meus ouvidos se tornaram insensíveis a gritaria dos feridos. Estou esgotado, mesmo que o combate tenha durado poucos minutos. A frente fraquejou.

“Cubra a brecha!”, ouço alguém à minha esquerda dizer; talvez o oficial com cara de sapo. Uma pena que não tenha sido atacado muito ainda, o filho da puta.

“Deuses, aqui homens! Desgraça, eles irão nos matar!”

Atrás de mim sinto menos pressão, alguns guerreiros estão sendo levados para cobrir a brecha. Os galeses aproveitam a oportunidade para nos empurrar para trás. A lâmina de uma faca se crava em minha perna, os olhos choram de dor até impedir-me de ver. Sinto que perco forças e meus joelhos se dobram sozinhos.

A duras penas posso me mover. Meu escudo é apenas um troço de madeira que rodeia uma bossa danificada. Perdi meu *seax*, cuja empunhadura de chifre entalhado tanto cuidei durante o inverno, embora tampouco recordo-me de tê-lo sacado.

O galês que tenho a frente perdeu sua arma e se dedica a me dar socos na cabeça. Por um instante sinto que perdi os sentidos.

Alguém me puxa para trás, e vejo ao próprio Osfrith, o filho do rei, ocupar meu lugar. Arrasto-me pelo chão, chorando como um menino, chamando por minha mãe. Meus próprios companheiros me pisam e me chutam, tentando assegurar a parede de escudos e proteger a Osfrith. Tiro meu escudo. Estou coberto de sangue. Tenho feridas por todo o corpo, algumas que nem vi e nem senti até agora. O braço e a perna me atormentam.

Um sacerdote cristão me agarra pela mão e me tira de perto das linhas, junto a outros feridos e moribundos. Vejo que ele me encomenda a seu Deus e tenta deter a hemorragia de minhas feridas. Está tão coberto de sangue quanto eu, e várias mulheres o ajudam.

Quase me sinto desfalecer, e o imploro para que não me deixe até quando a luta acabar, mas ele ignora e vai aos outros. Junto a mim há um homem que alguns instantes atrás blasfemava enquanto tentava segurar seu intestino, e agora jaz inerte, rodeado por moscas.

Sinto náuseas e vomito. Sinto-me terrível. Por minha mente se passa a imagem fugaz do homem em que cravei a lança no olho nos primeiros instantes da batalha. As náuseas não se submetem e não há nada que eu possa fazer.

Mais atrás, algumas mulheres carregam em carroças os feridos mais graves, enquanto rezam para que nenhum deles seja seu marido, seu pai ou seu filho. Quão valentes são! Estão aqui, com nós, vendo como nós matamos igual a idiotas, e não reclamam nem se queixam, e sim cuidam de nós e tentam nos por a salvo.

Parece que minhas pernas doem menos quando esticadas; mal sinto o braço. Só tenho um consolo: por enquanto, contra todas as probabilidades, continuo vivo.

A pressão dos galeses nos fez retroceder, mas nosso centro, com Osfrith no comando, ainda aguenta. À direita, *cyning* Eadwine e Eadfrith estão castigando duramente aos anglos de *Mierce*, causando-os muitas baixas, e empurrando-os para baixo, mas a reputação do rei Penda é merecida e suas linhas se mantêm.

Alguns dos feridos vindos daquela zona comentam que quando nossa cavalaria, sob nosso rei, desmontou e atacou o flanco de *Mierce*, Eobba Pybbing, irmão de Penda, comandou uma contra-carga. Sacrificando sua vida, e a daqueles que o seguiam, conseguiu deter o ímpeto de nossas tropas, e deu tempo a Penda para organizar seus guerreiros e aguentar nosso ataque.

Da nossa esquerda os sobreviventes dizem que está tudo perdido. Quando nossos homens desfizeram as linhas para seguir aos escaramuçadores, os galeses aproveitaram para atacar, semeando o desnorteamento e a morte. Osfrith se viu obrigado a enviar todos seus reforços para lá, mas estes tampouco parecem terem conseguido algo mais do que retardar o inevitável. As tropas batem em retirada, e somente os mais fiéis aguentam, embora os galeses os cercam e os matam pouco a pouco. Quando eles acabarem por lá e ficarem cansados de perseguir os fugitivos, virão até nós.

“Nossa vitória depende de que Eadwine ponha os anglos de *Mierce* em fuga logo, e de que possa fazer uma manobra cercando o centro de nossos inimigos.”, ouço de um veterano que perdeu um olho e todos os dedos de uma mão menos o polegar. Juntei-me a ele para aproveitar a sombra de uma árvore.

Devo me parecer lamentável. Estou coberto de sangue até os olhos, minha túnica está rasgada, e cheiro a uma mistura de suor e vômito. Se minha esposa me visse agora, me daria uma boa ralhada.

Um pouco mais abaixo, podemos ver a retaguarda de nossos guerreiros, empurrando e morrendo, lutando com os galeses até o último suspiro. Sangue, suor seco e mijo ainda são os odores prevaletentes, e a gritaria dos que lutam, dos que morrem e dos feridos, a música de fundo. Há pouco tempo eu estava ali, com eles, a pior experiência de minha vida. Os deuses bem sabem que eu não quero enfrentar novamente tal drama, mas os deuses se foram ou simplesmente riem dos desejos dos homens...

Um clérigo cristão passa diante de nós e nos olha com um olhar crítico. Observa a mão de meu companheiro e minha ferida na perna.

“Pode lutar”, sentencia.

“E você também!”, respondo ante a olhar aprovador de meu companheiro, “Pode lutar até mesmo melhor do que nós, pois não suportaste a parede de escudos.”

Mas ele me ignora. Ordena a uma mulher que me dê um escudo, e dá uma lança ao caolho.

“São necessários para reforçar o flanco esquerdo.”, diz o cristão.

“Eu não irei.”, o repreendo, mas ele me ignora; simplesmente marcha como se eu não existisse.

“Vamos”, diz o caolho, enquanto agarra a lança com sua mão sã. Não sei seu nome, nem o perguntei. Talvez seja melhor assim, em breve podemos ambos morrer. “devemos ajudar. Não por ele”, acrescenta ao ver meu mau humor, “mas sim pelos outros.”, sua cabeça acena para os homens que ainda combatem mais abaixo. Cada vez são menos, ao ponto de que dificilmente podem formar uma linha. “Se o flanco cair, logo todos eles morrerão.”

Levanto-me da grama ruim, e o sigo mancando até uma pequena parede de escudos que outros feridos formaram no novo flanco, pois o flanco esquerdo real já não existe, a não ser que seja formado por homens mortos e correndo, e galeses perseguindo e matando.

Somos apenas trezentos homens, e, como carrego escudo, me colocam na primeira linha. Atrás de mim, se coloca o caolho com a lança preparada.

“Devemos aguentar até que nosso *cyning* destrua aos anglos de *Mierce*.”, murmura.

“Não vamos aguentar porcaria nenhuma”, retruca outro homem, que perdeu uma orelha e tem um corte enorme no peito.

Custei reconhecê-lo devido ao sangue que cobre seu rosto, mas é Ceowald, o marido da parteira dos filhos de Osfrith. Do tipo alto e magro, tem suas terras não muito longe das minhas. Nos falamos mais de uma vez no passado, mas parece não me conhecer; parece muito tenso, talvez esteja em pânico.

E não é pra menos. Os oficiais galeses estão recompondo suas paredes de escudos, e chamando os homens de volta às fileiras. São muitos, mais de setecentos.

Como se isso não fosse o suficiente, Cadwallon –sim, o próprio Grão-Rei dos bretões- e seus cavaleiros cavalgam mais abaixo, manuseando as espadas como se fossem foices de cortar trigo enquanto matam aos que fogem.

No campo de batalha já não se vê a urze, somente corpos e rios de sangue que correm colina abaixo.

O caolho tomou o comando de nosso grupo, e nos ordena formar dois homens de profundidade para estender nossa frente. Porém somos demasiadamente poucos e estamos muito cansados para expor a ameaça de que gostaríamos.

Os galeses devem estar rindo de nós, enquanto formam uma parede de escudos com cinco homens de profundidade. Irão passar por cima de nós.

Suspiro, resignado. Estou muito cansado até mesmo para me preocupar com o medo e a morte. Felizmente, minha raiva e fúria fazem as feridas doerem menos.

“Segure bem o escudo”, diz-me o caolho atrás de mim, “eu me ocuparei de que alguns se juntem ao Criador antes que nos atropellem.”

Os galeses golpeiam com suas lanças os escudos, nos gritam e insultam. Um deles sai da linha, abaixa as calças e mijá para nós. Parece incrível como ainda têm tanta energia. Nós estamos em silêncio, esperando a morte.

Logo, começa a lenta subida. Apesar de suas arrogância não parecem ter pressa em se chocar contra nós. Talvez nossa firmeza e nosso silêncio os infundem respeito.

Pelo rabo do olho vejo a cavalaria de Cadwallon que cavalga veloz por detrás de nossas linhas subindo a colina pelo flanco vazio deixado por nossas tropas que fugiram.

Os homens se mexem inquietos quando a cavalaria bretã passa próximo a nós. O solo treme debaixo de nosso pés, e nossas narinas se enchem com o odor penetrante do suor dos cavalos.

O caolho tenta tranquilizar-nos, mas ninguém consegue evitar olhar para trás, temendo que nos ataquem pela retaguarda. Mas Cadwallon já nos dá por mortos e continua seu caminho. Não posso me preocupar mais com eles; minha atenção volta a centrar-se na parede de escudos galesa que avança em nossa direção. Estão a cem passos...

Os homens estão inquietos, muitos seguem olhando para trás, esperando a carga da cavalaria... O compatriota que tenho ao lado cheira a merda.

Quarenta metros...

“Já cumpri meu dever com meu senhor.”, Coewald parece alterado, “Não penso em morrer aqui.” Várias vozes de outros desconformados se juntam a ele.

Trinta e cinco metros...

“Eu estou indo!”, Coewald sai da formação, tira o escudo e a lança, e começa a correr para o norte. Seguindo seu exemplo outros homens saem correndo, e depois mais, até que todos se põem em fuga, incluindo o caolho e eu.

Os galeses gritam eufóricos às nossas costas e correm atrás de nós. Sinto a perna como se estivesse queimando com o fogo do inferno a cada passo, mas se eu parar irei pessoalmente ver o submundo logo, logo.

O caolho puxa meu braço.

“Por aqui”, diz, levando-me para o alto da colina, para onde Cadwallon está operando o massacre sobre nosso centro de batalha. Parece uma ideia horrível, mas tem razão. Nossos outros duzentos e noventa e oito companheiros correm para o norte e os galeses lhes pisam os calcanhares; se esquecem do par de desafortunados que parecem não ter intenção de abandonar o campo de batalha.

Mancando, sigo o caolho pela colina, onde alguns carregam as últimas carroças de feridos, e as mulheres e os monges fogem em desordem.

Tudo parece perdido, nosso centro desapareceu, engulido por uma massa de homens e cavalos. Já não há ordem nem parede de escudos, somente homens que matam e homens que morrem, os nossos.

De certa distância, observo como os galeses apunhalam com fúria o corpo de Osfrith, já morto, e logo o levam ante o cavalo de Cadwallon.

O caolho me puxa e nos distanciamos colina abaixo, onde Eadwine e Eadfrith lutam até a morte contra as hostes de Penda. Parece que as coisas vão melhor deste lado. Os nossos conseguiram fazer o inimigo recuar e lhes estão causando numerosas baixas. O rei Penda luta como um possuído, e são o medo e o respeito, igualmente, que fazem a seus homens o manterem ainda no campo de batalha.

“Se temos de ganhar ou morrer, o faremos com nosso *cyning*.”, disse-me o caolho. Sou tentado a respondê-lo como se isso fosse uma piada, mas estou tão cansado que não resisto quando contornamos a colina e nos aproximamos da retaguarda de nosso flanco direito, onde alguns homens, feridos em sua maioria, descansam. Diante deles, como um eco, a gritaria da batalha ressoa no lugar onde os anglos do sul e os anglos do norte se matam.

Lá está *cyning* Eadwine, incapaz de fugir do mais amargo da batalha; sabe que o tempo não é a favor e que já apostou tudo. Está tentando abrir espaço até Penda e matá-lo. Porque aquele colosso de dois metros de altura, cicatriz no rosto, e que transpira selvageria e determinação, não pode ser outro além do grande Penda, rei dos anglos do sul.

Fico hipnotizado olhando-o. Observo como manuseia o escudo e balança a espada, sempre vinda de cima, para os homens se distanciarem ante ele, temendo sua ira. Vejo os indomáveis guerreiros sob seu comando lutando para se distinguirem sob seu olhar. Penda se agita como se sua casa fosse o campo de batalha; é um desses homens que nascem para a guerra.

E meu querido rei, Eadwine, avança a seu encontro, sem temer a enfrentar semelhante criatura. E a elite de *Mierce* se choca com os melhores dos filhos de *Deira*. O melhor contra o melhor. Estremeço quando o choque da madeira e os gritos de guerra chegam aos meus ouvidos.

Os elmos, as espadas e as lanças brilham debilmente debaixo do céu plúmbeo, do qual já não desce chuva mais. O sangue salpica por todos os lados, mas a mim não importa, porque não posso tirar meus olhos de onde Eadwine, de baixa estatura, encontra Penda, mais jovem e duro como uma rocha.

Meu companheiro, o caolho, me sacude.

“Vamos”, disse-me, querendo que eu retorne a batalha, o louco, ao lugar onde se confrontam homens que valem cem vezes mais do que eu. Quer que eu regresse à loucura, mas meus olhos não deixam Eadwine e Penda quando seus escudos se movem como se impulssionados por uma inércia própria para deter o golpe do rival, ou quando suas espadas cortam o ar buscando carne.

Seus guerreiros lutam ao seu redor, empurrando, matando e morrendo, mas não são mais do que formigas.

O caolho finalmente desiste, e me deixa sozinho, correndo para onde Eadfrith está tentando romper a frente inimiga para ajudar a seu pai e, ao mesmo tempo, preparar um flanco contra os galeses que destroçaram ao nosso centro.

Mas a mim o que importa? Já não sinto nem o braço nem a perna, e estou assistindo a um momento único na história.

Alguns dos feridos que nos rodeam começam a fugir, alarmados pela figura que desponta na crista da colina: Cadwallon. Seus galeses começam a se espalharem descida abaixo, em silêncio, passando por cima dos mortos, como uma grande onda de lanças.

A cabeça de Osfrith desponta sobre a lança de um dos cavaleiros de *Gwynedd* na primeira linha. Logo virão, e tudo estará acabado.

Contudo meus olhos não se apartam por muito tempo dos reis e de seus duelo de morte. Penda é maior, mais forte e mais jovem. O escudo de meu rei está retalhado e seu corpo cheio de feridas. Vejo como Penda ri de forma insultante, e como joga a meu senhor Eadwine no chão com um golpe de escudo. Me levanto, com fúria, e agarro uma lança. Mas já é tarde, a espada de Penda está vermelha de sangue, e o golpea denovo e denovo.

Recordo-me de como *cyning* Eadwine me deu tudo que tenho, de como me colocou a seu serviço, e de como me protegeu quando os cristãos pediram minha cabeça. Estou chorando; mas desta vez não é de medo. O rei de *Mierce* tem a cabeça de meu senhor entre suas mãos e a levanta vitorioso para que todos a vejamos, enquanto seus homens dão chutes no resto do cadáver que permanece no solo. A cabeça de Eadwine é passada entre os anglos de *Mierce*; alguns a cuspem, e um se atreve a cravá-la em uma lança e usá-la como estandarte.

É terrível! Não respeitam nada! Não se dão conta de que mataram o *brytenwalda*? O homem mais poderoso das ilhas?

Corro para a batalha, de onde os gritos se intensificam e a parede de escudos se torna desordem, pânico e cólera, enquanto os homens mais fiéis de *Deira*, aqueles guerreiros que acompanharam Eadwine em seu exílio, ainda persistem; são seus *hearthweruas*. Poucos aguentam, apenas umas dezenas, mas atacam com firmeza, como um turbilhão de morte, até chegar ao cadáver de seu rei. Querem resgatá-lo e corro até eles. Ao meu redor as fileiras se desfazem e os homens fogem para salvar suas vidas. É o fim.

Penda e seus guerreiros atacaram Eadfrith, o segundo filho de meu senhor. E os *hearthweru* aproveitam para ganhar terreno em volta do corpo de Eadwine. Me junto a eles, e sem pensar entro no combate. Estou possuído por uma raiva cega... Finalmente, superei todas as barreiras da sanidade.

A maioria dos anglos de *Mierce* estão com seu senhor. Formaram uma parede de escudos, com Penda à frente, e baixaram sobre Eadfrith e seus homens. Contudo, há muitos deles ainda conosco, perseguindo aos que fogem e nos assediando com suas lanças e espadas.

Me encolho atrás de um dos *hearthweruas* de Eadwine, do tipo grande; estou tão perto dele que sinto o frio de sua cota de malha. Ataco com minha lança por cima de seu ombro. Não é meu melhor golpe, mas obriga a um inimigo a buscar refúgio atrás de seu escudo. Volto a atacar, surpreendendo-me de ainda ter forças, para que o anglo de *Mierce* não possa relaxar nenhum segundo. O *hearthweru* que tenho adiante aproveita para atacar com seu *seax* embaixo do escudo e abrir-lhe o ventre.

Com uma frieza que assusta, pega o *seax* e empurra o morto com um golpe de escudo, para enfrentar o próximo da fileira atrás dele.

Atrás de nós, alguns dos nossos conseguiram arrastar o corpo de Eadwine até uma carroça, enquanto o resto continua a luta, aproximando-se palmo a palmo do inimigo que usa a cabeça de nosso rei como lição. O idiota vê a morte se aproximar a passos lentos e está tentando fugir, mas a parede de escudos de seus próprios companheiros o empurra para nós.

Meu escudo humano cai de repente de joelhos, levando as mãos ao rosto. Por um instante me sinto desprotegido, vulnerável, até que alguém sai de trás dele e ocupa seu lugar na frente, em silêncio, com absoluta disciplina. Estes guerreiros, a elite de *Deira*, lutam diferente dos homens de Osfrith. Não gritam, apesar do mar de inimigos que nos cerca, e só abrem a boca para avisar de algum perigo ou dar ordens. Conhecem bem a seu ofício, e estão escrevendo uma página de glória nos pergaminhos.

Observo que alguns choram, como eu mesmo, sem emitir nenhum gemido. Sabem que seu rei está morto, que fracassaram em sua tarefa. É provável que quando o corpo do rei esteja a salvo, muitos destes homens se entregarão à morte.

O anglo de *Mierce* que leva a cabeça de nosso rei em sua lança está na nossa frente. Encontrou refúgio entre os escudos de seus companheiros; mas nada poderá salvá-lo.

Vejo seus olhos, azuis e profundos, amedrontados. Deve ser aterrorizante saber que um grupo de veteranos, cobertos de sangue, vêm a ti. Lembra-me eu mesmo antes de me entregar à loucura. É um infeliz, mas irá pagar caro pela ofensa a nosso rei. Os *hearthweruas* caem em minha volta, mortos um a um, depois de terem derrotado dezenas de inimigos.

Sei que é hora de ir, pois os galeses se alastraram colina abaixo, como um rio de lava, sedento de sangue, e esmagaram as tropas de Eadfrith. Mas não me importa. Não tenho medo, perdi o amor e respeito pela vida... sou pura raiva. A Raiva é o que alimenta meu braço cada vez que descarrego um golpe com a lança. A Raiva é o que me fez esquecer a dor de minha perna ou preocupar-me com minhas feridas. É o que me mantém em pé; isso e a cabeça de Eadwine ali adiante.

Se eu de morrer aqui, que aqui seja, junto a homens que lutam como deuses e veneram a lealdade acima de todas as coisas.

Minha arma abaixa e sobe, estou esgotado, à beira do colapso. Os homens cujos eu podia me proteger atrás são cada vez menos. Oxalá tivesse meu outro braço para segurar o escudo, logo, não me importaria em me colocar junto a eles na primeira linha; compartilhar seu fim e sua glória.

Um dos *hearthweruas* crava sua lança no peito do inimigo que porta a lança com a cabeça de Eadwine, e este cai no chão, entre os pés dos que combatem. Se arma um rebuliço. Os *hearthweruas* avançam, empurram, matam, e os inimigos recuam.

Minha lança segue buscando carne, mas quase já não tenho forças. O homem que tenho ao lado desmorona, cortaram-o os tendões da perna, e se perde entre o emaranhado de inimigos.

Piso algo duro, temo o pior, e olho pra baixo. Alí está, a meus pés, a cabeça de Eadwine, quase irreconhecível por causa do sangue. Aviso aos homens que tenho ao redor, e pego a cabeça, enquanto os *hearthweruas* fazem um círculo à minha volta, protegendo-me.

Um deles, o ferido, me puxa para trás, tentando me arrastar para longe da frente. Atrás caem a maioria de seus companheiros, protegendo nossa retirada, prontos para entregar suas vidas.

Grito ao céu, chamando a Woden, avisando-o de que logo seus salões serão visitados pelos melhores guerreiros de *Deira*. Em seguida, eu irei.

Corremos para a carroça onde está o corpo de Eadwine, e subo nela. Reverencialmente, coloco a cabeça próxima ao pescoço. A Raiva começa a diminuir, e a dor intensa retorna.

Tomo as rédeas do cavalo.

“Vamos! Vamos!”, grito aos homens à minha volta. Parece que finalmente viverei; triste ironia do destino, agora que havia aceitado a morte. Choraria, mas já não me restam lágrimas.

Temos pouco tempo, os homens de Eadfrith fogem, o abandonam às dezenas, e o próprio filho do rei se rende perante Penda. O rei de *Mierce* despedaça sua espada, cospe nele e o prende com correntes. Agora tem ao herdeiro de *Deira* como prisioneiro.

O mundo é caos, homens que fogem, homens que matam.

Nos afastamos... abandonamos o lugar do desastre. Alguns *hearthweruas*, apenas duas dezenas, caminham depressa ao redor da carroça, mantendo a formação. Talvez isto tenha salvado nossas vidas, pois os galeses e os anglos do sul se dedicam a perseguir a vítimas mais fáceis; e há centenas delas em todas direções.

Lá atrás é o inferno, e o sabor amargo da derrota. Lá atrás é *Haethfelth*, onde meu rei foi morto e onde Cadwallon conheceu sua maior vitória. Porém não podemos parar, pois a Morte logo virá atrás de nós e cairá sobre *Deira* e *Bernaccia*.

Olho para trás, um segundo, para onde os corpos de meus compatriotas se espalham pela colina. Há tantos, centenas deles. Homens que há uma hora viviam, andavam e riam, e que agora são somente carne para os corvos. Estávamos aqui para defender nosso reino, e ainda que a causa pareça justa, até que ponto não és este desastre fruto somente da ambição dos poderosos?

Talvez se nos anos anteriores Eadwine não houvesse feito a guerra contra Cadwallon e Penda, estes não teriam nos atacado... ou talvez sim, porque Penda quer ser *brytenwalda* e Cadwallon matar a todos os anglos. Se pelos menos matassem uns aos outros... mas suas guerras arrastam a milhares de homens -como eu mesmo- cujo único desejo é viver em paz e ver crescer nossos filhos. Nos trazem para morrer em lugares como *Haethfelth*, esquecidos pelos bardos, como se fôssemos simplesmente peças de um jogo.

Eu discordo; nosso *wyrd* está escrito. Sempre dependeremos das decisões dos outros porque tememos ser donos do nosso destino.

Devemos nos apressar. Nosso rei há de ser enterrado em Eorferwic, e depois, serei livre para por a salvo minha família.

Fim

Nota histórica

Durante século VII, nas Ilhas Britânicas, convivem mais de 30 reinos, muitos deles ancestrais, como os dos pictos e os irlandeses, ou surgidos depois da queda do Império Romano, como os dos bretões; outros são de um novo cunho, forjados pela invasão dos jutos, anglos e saxões.

É uma época terrivelmente instável e violenta, onde a maioria dos reis morrem em conspirações ou nos campos de batalha, onde um homem suficientemente ousado pode reunir um exército e formar um reino.

No ano 633 d.C, um poderoso exército de *Gwynedd*, comandado por seu rei mais famoso, Cadwallon ap Cadfan, se uniu a um exército do reino anglo de *Mierce* (depois *Mercia*), dirigido por Penda, e juntos avançaram para Eorferwic (atual York).

Eadwine, até então rei de um extenso território que incluía as terras do reino de *Deira*, *Bernaccia* e *Elmet*, saiu a seu encontro e ambos os exércitos se confrontaram no norte do reino de *Elmet*, em um lugar conhecido como *Haethfelth*. Uma zona pantanosa, onde eram abundantes os bosques e as urzes (o próprio nome *Haethfelth* significa Campo de urzes).

Os estudos recentes situam a batalha em diferentes localidades, mas as últimas teorias, e que ao nosso parecer têm mais probabilidades de corresponder com o local da batalha, parecem indicar que o embate ocorreu próximo a Cuckney, em cuja igreja se encontraram em 1951 mais de 200 esqueletos, todos de homens jovens, enterrados juntos, e com sinais de morte violenta. Os arqueólogos estão seguros de que poderia haver muitíssimos mais cadáveres enterrados e ainda por descobrir.

Outro indício que aponta Cuckney, é um lugar próximo, conhecido atualmente como *Haethfield*, um lugar que está, ademais, na rota que Cadwallon e Penda tiveram que seguir do sul no avanço para o norte.

Outro dado interessante é que Cuckney se encontra a duas horas (10,5km) de caminhada do vilarejo de Edwinstowe, o lugar onde se supõe que passaram a noite os restos sem cabeça do rei Eadwine, depois de terem sido resgatados pelos seus mais fiéis das mãos do exército de Penda. É provável que tão memorável evento ficou gravado pelas pessoas reunidas lá, ou talvez com os anos Eadwine seria venerado como Santo e pode dar origem ao nome atual do vilarejo.

Após passar a noite em Edwinstowe, os restos do rei morto teriam sido levados a Eorferwic (York).

Dos restos de seu filho Osfrith não se sabe nada, apesar de ser possível que ele tenha sido enterrado pelos vencedores com o resto de seus homens no campo de batalha, depois de ser saqueado tudo que tivesse de valor.

O outro filho de Eadwine, Eadfrith, foi prisioneiro de Penda e assassinado poucos anos depois, quando se tornou inútil.

Beda se lamenta de que depois desta batalha...

“Um grande massacre foi feito na igreja e na nação dos nortúmbrios, em especial por um dos comandantes -pelo qual foi feito- que era um pagão, e o outro um bárbaro, mais cruel que um pagão, porque Penda, com toda a nação dos mércios, era um ídolo, e um estranho ao nome de Cristo, mas Cadwallon, que apesar de levar o nome e professar-se como um Cristão, foi tão bárbaro em seu caráter e comportamento, que não perdoou o sexo feminino, nem a idade das crianças inocentes, e sim com selvagem crueldade os entregou ao tormento da morte, devastando todo seu país por um longo tempo, e disposto a eliminar toda a raça dos anglos dentro das fronteiras da Britannia”

Livro 2, XX

Haethfelth foi sobretudo sangrenta, com a morte de muitos notáveis. Não somente o Rei Eadwine e seu filho Osfrith, mas também entre os vencedores, entre os quais morreu Eobba Pybbing, irmão de Penda.

A batalha de *Haethfelth* é um dos episódios mais importantes e dramáticos da época, pois significou o fim da dinastia de *Deira*, que representava o rei Edwin (Eadwine) e sua descendência, e a ascensão, após uma terrível época de destruição e morte protagonizada pelos vencedores de *Haethfelth* (Cadwallon e Penda), da dinastia originária de *Bernaccia*, os filhos de *Æthelfrith*, representada especialmente por Oswald, que seria *brytenwalda* (Bryten – “Britannia” e Walda – “governante”) e Oswiu, o qual é dito que criou o reino da *Northumbria* após a unificação do norte da *Britannia*.

Agradecimentos

Nestas poucas linhas quero agradecer pela ajuda de todos aqueles que fizeram possível este curto romance. Quero mencionar a Enrique López, Carlos Polite, e Yeyo Balbás por suas críticas construtivas. Esta novela se deve em grande parte aos seus ânimos e conselhos.

Não posso me esquecer também de Michael Ritcher, incansável companheiro de aventuras nesta viagem à Idade das Trevas. Por sua persistência podemos dispor desta novela em uma versão em inglês, para que seja acessível a todo o mundo. Obrigado Michael!

Finalmente, devo minha gratidão a todos os companheiros que me ajudaram a fazer o *mod Brytenwalda* (<http://www.novaregula.com/brytenwalda/>), especialmente a Asbjørn Lindegaard, e um sincero abraço a todos os jogadores de *Brytenwalda* que fizeram possível que no começo do *mod* superássemos a média de um milhão de *downloads*.



Español

**Polvo, acero y sangre
en una de las batallas más importantes
de la Edad Oscura en Britannia**

Yo luché en Haethfelth



Alberto Fuentesvilla De Diego

© [2012](#) Alberto Fuentevilla De Diego

Traductor de la versión inglesa: Michael Richter
Maquetación y diseño gráfico: Enrique López Aparicio



© LOPEKAN

Britannia · 633 d. C.

Anglos del Norte · Las gentes que se establecieron al norte del río *Humber* y formaron los reinos de *Bernaccia* y *Deira*.

Anglos del Sur · Las gentes que se establecieron al sur del río *Humber*, con centro en el valle del río *Trent*, y dieron vida al reino de Mierce, que luego se conocería como Mercia.

Britones o galeses · Los antiguos celtas de *Britannia*, romanizados después de la conquista, pero abandonados por Roma tras la caída del Imperio. Han ido perdiendo sus reinos a manos de los invasores anglos, frisios, jutos y sajones.

Personajes

Eappa · El protagonista de esta historia. Un campesino acomodado del reino de *Deira*. Un anglo del norte.

Eadwine Aelling · Rey de *Bernaccia* y *Deira*, de los anglos del norte. Es el *brytenwalda* (*Bryten* - “Britannia”, y *Walda* - “gobernante”).

Osfrith · Hijo mayor de Eadwine con su primera esposa, Coenburh.

Eadfrith · Segundo hijo de Eadwine con su primera esposa, Coenburh.

Cadwallon ap Cadfan · Rey de *Gwynedd* y Alto Rey de los Britones (o galeses, como les denominan los anglos)

Penda Pybbing · Señor de los anglos del sur, de *Mierce*, o *La Marca*, como se conocía entonces.

Eobba Pybbing · Hermano de Penda y *señor de la guerra*.

«Eadwine reinó gloriosamente diecisiete años sobre las naciones de los anglos y los britones, seis de los cuales fue también siervo del reino de Cristo. Cadwallon, rey de los britones, se rebeló contra él, siendo apoyado por Penda, el hombre más belicoso de la estirpe real de los mercios, y quién regirá a partir de ese momento esa nación durante veintidós años con diferentes éxitos. Una gran batalla se luchó en el llano que es llamado ***Haethfelth***...»

Beda
Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum
Libro 2, XX

I

Año 633, 12 de octubre

En el norte, cerca de *Caer Daun*, al sur de *Eorferwic*

Diluvia... ¡dioses!, el agua está helada y me empapa la túnica. El suelo está embarrado, y el viento del norte corta como el acero.

Me tiembla la mano con la que sujeto la lanza y no siento ya los dedos de la que porta el escudo. El brezo, abundante en este páramo, se pega a los zapatos de cuero y la humedad de los pantanos que nos rodean hace que sienta frío hasta en los huesos.

Pero no es sólo el clima lo que me perturba, me tiemblan las piernas, y me cuesta disimularlo. Otros están peor que yo, algunos hasta se han meado encima; yo aún aguanto. ¿Qué hago aquí?, debería estar en mi granja, con mi mujer y mis hijos. Woden, mi dios, mi protector, sabe que no soy un guerrero.

Mi vecino me da un codazo, nuestro señor ha ordenado avanzar dos pasos y presentar las lanzas. Nuestro señor es Osfrith, el hijo del gran rey Eadwine de *Deira*. Le veo no muy lejos, avanzando entre los hombres, vestido con su pesada cota de malla hasta las rodillas y su casco de hierro, bajo el cual se desparraman sus cabellos largos y rubios, sucios y sudados. Su espada tintinea colgada del cinturón, y un enorme escudo sobresale a su espalda. Bromea, ríe, golpea a un hombre en el pecho y le pregunta a otro por su perro. Le acompañan dos de sus guardaespaldas.

Osfrith está recorriendo las líneas, motivando a los hombres, y dando órdenes a los oficiales. Finalmente, llega hasta nosotros, nos mira con sus profundos ojos azules. Es un muchacho, y yo un hombre de treinta y siete inviernos, pero me siento pequeño a su lado.

—¡Ceowald! —saluda a mi vecino, que baja la cabeza con respeto—, dile a tu

mujer que la niña crece sana y fuerte, que mi padre está orgulloso de vosotros y que no hay mejor partera en todo el reino.

—Gracias, *aetheling* —Ceowald no alza los ojos y el timbre de su voz está cargado de nervios—. Espero que vuestro hijo mayor también goce de buena salud.

—¿Yffe? Es todo un hombretón ya, pronto le traeré a matar galeses con nosotros —ríe, y algunos hombres le corean.

Conozco a Yffe desde que nació; es un niño feliz y vivaracho, la alegría de cualquier hogar. La última vez que le vi fue hace seis años, en otra época, cuando su padre y él se bautizaron en Eorferwic renunciando a la Fe de sus antepasados.

Ceowald no es capaz de alzar la mirada. Está cagado de miedo, como yo mismo. Osfrith le palmea el hombro intentando infundirle confianza.

—¡Alégrate, hombre! Hoy es un gran día. Por la noche nos emborracharemos en el campamento de nuestro enemigo, y, luego, podrás regresar a casa para contarles a tus diez pequeños lo valiente que fuiste.

Ceowald asiente poco convencido y Osfrith continúa su recorrido, hasta pararse ante mí. Ahora soy yo el que se ruboriza, nunca me ha gustado ser el centro de atención. La mano de mi señor, enguantada de cuero, sujeta mi barbilla y alza mi rostro para que le mire a los ojos.

—Eappa —pronuncia mi nombre como un chirrido. Me odia, lo sé, le gusta mi mujer, pero la ley me protege y mientras yo viva no puede tomarla—, recuerda que aún me debes una vaca. Sólo te la perdonaré si matas hoy diez putos galeses. Te quiero en primera línea.

—*Aethel...* —las palabras se atragantan en mi boca. Ríe, hace un gesto a su escolta para que cumplan sus deseos, y se aleja de mí. Uno de sus secuaces, un tipo fornido de barba poblada, me aleja de mis compañeros y me arrastra, insensible a mis lloros y suplicas, al centro del campo de batalla, donde la élite de Osfrith cierra filas. Son todos hombres de guerra, con rostros serios, fieros y terribles, vestidos de hierro, armados de espadas y lanzas. Son los más valientes, aquellos que tendrán que aguantar lo más enconado de la batalla.

Mi destino, mi *wyrd*, está escrito.

En otro tiempo, Osfrith no me parecía mal muchacho, pero sí caprichoso, pues nada le disuadía cuando se le metía algo entre ceja y ceja; culpa de su padre que le ha consentido demasiado. Ahora pienso que es un cabrón egoísta y mimado.

Nada que ver con su hermano Eadfrith, el otro hijo varón del rey Eadwine, recto y santo como un sacerdote cristiano, pero despiadado en la batalla. Ojalá me hubiese tocado como señor. Sólo se ocupa de sus siervos para recaudar el impuesto debido. No le interesan ni sus mujeres, ni sus hijos, ni sus vacas.

Eadfrith es poco más joven que Osfrith y es un *dryhten* —un señor de la guerra— en todos los sentidos. Elige y entrena a sus guerreros personalmente. Los equipa con las mejores armas y los conduce en las operaciones más arriesgadas. Su padre está orgulloso de él. Lo sé porque he visto cómo le mira. Y porque el Gran Rey Eadwine también ama la

guerra.

Ambos, Osfrith y Eadfrith son hijos de Coenburh, primera esposa de Eadwine e hija de Cearl, otrora rey de *Mierce*.

Pensar en Eadwine me trae gratos recuerdos porque *cyning* Eadwine de *Deira* es para mí más que un rey, es el hermano que siempre hubiese deseado, y hubo un tiempo en que quizás ese deseo pudo haber sido compartido.

Cuando estás a su lado no te sientes pequeño, como con su hijo, sino que te sientes el ser más afortunado del mundo, aunque sea sólo para servirle de escabel cuando sube a su montura.

Eadwine es alto, aunque los años ya le pesan, delgado como una vara de fresno, y su cabello apenas ha encanecido pese a estar cerca de los cincuenta.

Eadwine, hijo de Aelle, no ha sido siempre rey. Hace años estuvo en el exilio, mientras el reino de *Deira* era gobernado por *Æthelfrith* de *Bernaccia*. Fue en esta época cuando vagó de un reino a otro seguido por unos pocos fieles, casó con la mencionada Coenburh de *Mierce* y engendró a sus dos hijos.

Hace 17 años, Eadwine persuadió al gran Raedwald, rey de los anglos del Este, y juntos mataron a *Æthelfrith* en batalla. Desde entonces, Eadwine es el rey de *Bernaccia* y *Deira*, y a la muerte de Raedwald se convirtió en el hombre más poderoso entre los anglos y los sajones... en *brytenwalda*. O como le llaman nuestros enemigos: *Vrenhin Lloegr*; el Rey de Lloegr, que es como ellos llaman a *Britannia*.

Recuerdo otro tiempo, cuanto tuve la oportunidad de conocerle bien, a él y a sus hijos. Yo era un sacerdote de Woden y les aconsejaba, y gracias a eso sabía cómo mantenerme lejos de la guerra. Yo era feliz, y pensé que sería siempre así. Lo sé, ¡yo era un idiota!

Entonces, la política hizo que Eadwine casase con *Æthelburh*, hermana del rey de *Cent*, el devoto Eadbald.

Cent es un reino juto del sur, muy influenciado por los francos, y cristiano. El cristianismo es una Fe que se está haciendo con todo.

Como parte del acuerdo del enlace, mi amado rey Eadwine se convirtió al cristianismo de la mano del obispo Paulinus, mi rival, el 12 de abril de hace 6 años. Paulinus intrigó contra mí y todo lo que oliese a los viejos dioses en el reino, y aunque en su corazón yo sé que mi rey sigue siendo pagano, no tuvo más remedio que alejarme de su lado.

Me regaló una granja en las tierras de su hijo Osfrith y me hizo su siervo. Tomé esposa y me dediqué a arar campos y traer al mundo críos. Hasta el día de hoy, en el que se me ha reclamado en la leva para tomar parte en la batalla más importante de nuestro tiempo, las cosas no me iban mal.

Ya oigo los cuernos y mi frente se humedece de sudor, mientras los primeros galeses aparecen entre los árboles, sobre una loma al sur de nuestra posición. Son figuras sombrías, de un aspecto siniestro que me ponen los pelos de punta. Alzo la vista hacia el cielo plomizo y pido a los dioses valor para enfrentarme a lo que me depara el día.

Allí viene Cadwallon ap Cadfan, el *Ri* de *Gwynedd*, el Alto Rey de los britanos. Tenía la esperanza de que nuestros enemigos no aceptasen la batalla ese día, pero me equivoqué. *Gwynedd* comanda a los mejores hombres de los reinos galeses, cientos de lanzas, que nos odian por haberles robado su tierra, aunque eso ocurriese un par de generaciones antes de que nacieran.

Si Eadwine es un titán, el mejor rey que conocieron los anglos, Cadwallon es su *alter ego*, una leyenda entre su gente, capaz de unir a los galeses y conducirlos a la victoria. Algunos dicen que es un segundo Arturo, pero yo creo que nadie antes causó tantos quebrantos a nuestra gente...

Cadwallon, los dioses le maldigan, ha matado más anglos que todos los reyes anteriores juntos. Su nombre es usado por las madres de *Deira* para asustar a los niños antes de dormir. Sin él, Eadwine hace tiempo que habría sometido todo el norte, *Norþanhymbra*, y todas estas guerras se hubiesen acabado. Pero Cadwallon y Eadwine son dos soles que pugnan por brillar, dos gigantes a los que el mundo se les ha quedado pequeño... Los hombres dicen que son dioses y que cuando mueran, su guerra continuará en el *Waelcyrge*. Pero quienes dicen esto son unos necios.

Junto a Cadwallon viene su hermano en ley, Penda, con su ejército. *Aetheling* Penda de los anglos de *Mierce*, aunque muchos ya le llaman *cyning* Penda —que significa *rey*— de La Marca. Nuestros hermanos del sur que prefieren luchar al lado de los galeses, pero cómo reprochárselo cuando siempre hemos intentado robarles su ganado y sus mujeres.

Dicen que Penda es una estrella ascendente, que nunca será tan grande como Eadwine o Cadwallon, pero que sobrevivirá cuando ambos soles se apaguen. Penda es uno de los doce hijos de Pybba, quien siempre se preocupó más por fecundar a sus mujeres que por el oficio de las armas. Pero Penda no es igual que su padre. Tiene ambición y ama su espada más que a sus propios vástagos.

Nunca he visto a Penda, pero he oído cosas. Dicen que es un guerrero nato, un hombre sin escrúpulos que ansía ser *brytenwalda* por encima de todas las cosas. He oído que es un hombre duro, violento, terco como una mula... y he oído que su madre fue britona y que se siente más britón que anglo.

Ahora viene al frente de su gente a causarnos matanza.

Ojalá yo hubiese nacido en otro tiempo menos ensombrecido por el terror de las armas, para poder leer en pergaminos o escuchar en los círculos en torno a las hogueras cómo hubo una época de héroes, cómo Eadwine y Cadwallon se enfrentaron en *Haethfelth*, cerca de *Caer Daun*, en una batalla épica: *La Batalla Final*. Pero no ha sido así, y los cuernos suenan a mi alrededor, llamando a la guerra.

Los hombres chocan los escudos con las lanzas y gritan para ahuyentar el miedo. Hay algunos sacerdotes. Eadwine lo permite ahora que es cristiano, y reparten bendiciones entre la tropa, que las aceptan con fervor, dispuesta a intentar conseguir el favor del

nuevo Dios. Los viejos dioses se mueren y a mí me ha tocado vivir el tiempo de la espada.

II

Nuestros enemigos han formado en una larga loma. Podemos verlos desde lo alto de nuestra colina. Puedo imaginar su alivio al abandonar los pantanos y los largos bosques que pueblan esta tierra de frontera. Siempre es un consuelo dejar atrás los picotazos constantes de los mosquitos, no sentir el barro hasta las rodillas, ni que el lino de la túnica interior se te pegue al cuerpo por el sudor y se te haga insoportable vestir la de lana que llevas encima de ésta. Puedo imaginarlo porque es lo que yo sentí cuando llegamos aquí hace unas horas.

O quizás no tengan tiempo de sentir nada, porque nos ven a nosotros, cientos de anglos del norte, esperándolos arriba. Saben que no nos iremos sin luchar. Puede que teman a nuestro rey, que ha matado a tantos hombres y ganado tantas batallas; tal vez le teman tanto como nosotros tememos a Cadwallon y a Penda.

Ahora están en *Haethfelth* —o *Meicen*, que es como le llaman ellos a esta tierra en su musical idioma—, un extenso páramo de brezo, el lugar que nuestro rey ha escogido para la batalla. Ellos son más numerosos, pero nuestros oficiales no paran de recordar que nosotros tenemos la ventaja de la altura.

Veo sus cascos que lanzan apagados destellos cuando un rayo de sol asoma entre las nubes, sus escudos que han formado un muro y avanzan al toque de los cuernos, y sus estandartes agitarse con el viento helado del norte.

Avanzan... ¿No dudan?, ¿no tienen miedo?

Llevan muchos días de sufrida caminata. Ellos tampoco se marcharán sin pelea.

A nuestra izquierda, el cuerno de Eadwine, nuestro rey, suena y vemos su estandarte alejarse con la caballería hacia el flanco derecho. Todo se está preparando.

Estalla el alboroto. Los oficiales se mueven ordenando las filas, disponiendo a los

hombres. Algunos guerreros, aterrorizados, se han quedado paralizados y los oficiales les sacuden hasta hacerlos volver en sí; hay quien incluso intenta huir y es molido a palos.

—¡Hemos venido aquí a vencer o morir! —arengan—. Si hoy somos derrotados, vuestras mujeres mañana yacerán con algún sucio galés o el puto hijo del rey Penda —Los oficiales son la savia del ejército del rey Eadwine, sin ellos hace tiempo que hubiésemos echado a correr toda la leva—. Agarrad bien el escudo y la lanza. Recordad lo que se os ha enseñado.

Los oficiales son *ealdorman*, los señores de la tierra, y *drythen*, señores de la guerra, que dirigen a la leva.

Tengo el escudo frente a mí, entrelazado con el de un veterano, a quien veo poco satisfecho de tenerme a su derecha.

—Como la cagues, te mato, cabrón —gruñe.

Intento responderle algo, pero sólo pronunció un balbuceo sin sentido. Él se ríe y escupe a mis pies cuando se da cuenta de que me tiemblan las manos.

—Jodido Osfrith — masculla entre dientes antes de volver la vista al frente.

Oigo alguien sorberse los mocos detrás de mí. Uno de los hombres que ocupará mi lugar en el muro de escudos si yo caigo.

Los guerreros murmuran a mi alrededor, algunos rezan en voz baja. Son veteranos de otras batallas, hombres curtidos que a mis ojos parecen más rocas de acero que seres de carne.

El soldado a mi derecha tiene un tic, no para de cerrar y abrir los ojos. Por lo demás, parece sereno, tieso como una barra de plomo. Pero su parpadeo constante me inquieta hasta lo indecible.

Nuestro señor, Osfrith, se ha quitado el casco y lleva la melena rubia al viento, para que todos podamos reconocerle. Se junta con nosotros en el centro del campo de batalla. Allí, se une con sus más fieles, con hombres vestidos de hierro, armados de espadas, lanzas y escudos... hombres de guerra.

El hijo del rey bromea, y no puedo evitar sentir envidia ante la seguridad que tiene en sí mismo. Veo como golpea al pecho de los hombres, ensalza su hombría, hace chistes y sus veteranos ríen.

Todos están listos para matar menos yo, lo sé.

Ha cesado de llover, pero el viento sigue azotando nuestros mantos y túnicas, congelándonos los músculos. Pienso en mi mujer y en mis hijos, que estarán rezando por mi regreso; en mis padres, ya muertos, que siempre confiaron en que sería un hombre de provecho.

Me acuerdo de otros tiempos, cuando mi única preocupación era interpretar el vuelo de las aves o las entrañas de alguna bestia. Tiempos felices, tiempos pasados.

Intento repetir mi nombre en voz baja: Eappa, Eappa... Yo soy Eappa Eappaling. Pero las

palabras me suenan tan huecas, ¡tan vacías de sentido!

Los recuerdos brotan, quizás intentando devolverme algo de cordura, pero son incapaces de solapar el miedo. Estoy a punto de enfrentarme a la muerte y perderlo todo. He pensado en la muerte muchas veces, pero siempre la he visto tan lejana, que ahora, cuando está frente a mí esperándome con los brazos abiertos, soy incapaz de dominar la desazón que me invade. Y las horas de espera no han ayudado en nada, sólo a que siga pensando y temiendo.

No soy idiota, los galeses están aquí y avanzan, y yo estoy en primera línea, preparado para el cuchillo como uno de esos corderos que sacrifiqué en el pasado para leer los augurios.

Sé que voy a morir, sé que no volveré a ver a mi esposa o a sentir los abrazos de mis hijos. No volveré a ordeñar mis cabras, ni a poner trampas para el zorro.

Noto que mis ojos están llorando. Mi cuerpo se estremece y no puedo evitarlo. Maldigo a los dioses, no debería de estar aquí, nunca he matado a un hombre.

Sacudo los pies para desentumecerlos. Me duelen mucho después de la larga caminata durante la noche, sorteando colinas y pasando entre los árboles, sin apenas poder vernos unos a otros por la oscuridad.

No soy yo solo, todos los hombres tenemos sueño y estamos cansados, pero aún recuerdo el discurso que nos soltó Osfrith para motivarnos: según él, su padre había hecho una jugada maestra adelantándose al movimiento del enemigo y cerrándole el paso a nuestro territorio. Es mejor luchar en *Elmet* —nos aseguró— que entre los restos quemados de nuestras cabañas en Deira.

Elmet era un viejo reino britón que ahora pertenece a Eadwine. Aunque se han instalado muchas buenas familias anglos, sus gentes continúan siendo en su mayoría famélicos y sucios britones que nos importan un bledo. ¿Britones?, no, ¡galeses!, que es la palabra despectiva que usamos los anglos para denominar a este pueblo de desheredados. Siento una punzada de ira hacia ellos, y me agarro a ella ante la desolación que me abrumba.

Nosotros hemos elegido el campo de batalla y ahora estos galeses de *Gwynedd* y los anglos de *Mierce* tienen un ejército delante y las aguas de dos ríos detrás. Si vencemos, será el fin de Cadwallon y Penda, el fin de la guerra. ¡Ojalá!

A mi alrededor la tensión puede cortarse con cuchillo, mientras los hombres observan cómo se despliegan los britanos. Incluso los veteranos que me rodean parecen callados y nerviosos.

Veo como Osfrith continua paseándose ante los hombres, sonriendo y tieso como un gallo de pelea.

—¡Mirad! —grita mientras señala el horizonte donde los britanos erizan la colina de lanzas—. ¡Allí vienen! Son los descendientes de los hombres que perdieron la tierra y sus mujeres a manos de nuestros abuelos, porque nuestros abuelos eran más fuertes y mejores que ellos. ¿Acaso no estamos nosotros a la altura de nuestros abuelos?, ¿no llevamos su sangre?, ¿no amamos la guerra igual que ellos? ¡Somos gigantes!

Hay gestos de aprobación a mi alrededor, vítores, percibo entusiasmo... orgullo.

—Y no lo digo por lo que escondemos entre las piernas, *Æðelbeorht* —se para ante un curtido *hearthweru*, uno de sus guardaespaldas más queridos, y palmea su hombro.

Ríe, y los hombres ríen con él. Parece que parte de los nervios se disipan. Incluso yo me siento algo más aliviado.

Osfrith saca la espada y golpea el escudo de los soldados ante los que va pasando.

—¡Cada uno de vosotros vale por diez de ellos! —exclama, y veo que los soldados alzan sus armas y aúllan como lobos fieros—. ¡Escuchad! —Osfrith recupera la atención de todos—. Nosotros no somos hombres, ¡somos guerreros! Somos la sangre de Woden, y lo que hoy hagamos aquí, será cantado por todos los bardos. ¿Me estáis oyendo bien? ¡Hoy todos vosotros alcanzaréis la inmortalidad!

Los hombres prorrumpen en gritos de entusiasmo. Me doy cuenta que estoy gritando con ellos, necesito escucharle, pensar en otra cosa, intentar despejar el miedo.

Me está ofreciendo la oportunidad de ser algo más que un simple hombre, de que brille en este mundo oscuro y olvidado.

Osfrith se acerca, sigue golpeando los escudos de los hombres ante los que pasa.

—Hoy algunos moriremos —ha posado la mirada en mí, y me guiña un ojo. Me estremezco—. ¿Pero eso importa cuando se ha alcanzado la gloria? ¿No es mejor disfrutar de una eternidad de banquetes y placeres en el *Waelcyrge*?

Pasa ante mí y golpea con su espada mi escudo, como a uno más; me siento honrado y complacido. Ahora mismo daría la vida por él, pese a que le odio por su interés en mi esposa. Pero él es hijo de un rey y yo solamente una pulga, y ha posado sus ojos en mí, ha golpeado mi escudo.

—¡Somos guerreros! —le oigo repetir —Acaso no mató *Ecgberht Creoding* a tres britones él sólo en la última batalla —Osfrith sonrío a un hombre en la segunda línea, a unos diez metros de donde estoy, y le señala con la espada. *Ecgberht* infla su pecho y golpea con su lanza el escudo— ¿Acaso los demás vamos a ser menos?

Los hombres contestan que no, que ellos matarán cien galeses cada uno. Me doy cuenta de que estoy gritando con ellos.

Osfrith se abre un hueco entre los soldados, en primera línea, rodeado de sus más queridos, de los más valientes. Estamos en el centro de las fuerzas de *Bernaccia* y *Deira*, la flor y nata de los anglos del Norte.

—¡Yo estaré con vosotros! —Exclama el hijo del rey *Eadwine* mientras se pone el yelmo con crin negra de caballo y une su escudo al de sus guerreros—. ¡Combatiré y sangraré a vuestro lado!

Al frente, los britanos han comenzado a descender su loma, parece que vienen a por todas. *Cadwallon* está dispuesto a conquistar la victoria o la muerte en esta batalla. Por los comentarios de quienes me rodean, interpreto que el propio Alto Rey debería estar a la derecha, junto a su infantería de élite y a la caballería, en el lugar de honor. Aunque tengo dudas, pues no veo ondear el emblema real, aunque sí hay varias enseñas de casas

nobles de *Gwynedd* y otros reinos galeses, junto a un nutrido grupo de jinetes.

En el centro enemigo el número de estandartes se multiplica, la mayoría son de *Gwynedd*, pero hay también de otros reinos como *Pengwern*, *Powys* o *Dyfed*, incluso de gentes venidas de la lejana *Dumnonia*.

—¡Allí está! —señala uno de los hombres dos líneas detrás de mí, un afortunado—. ¡Allí está el malnacido rey galés!

Siguiendo la dirección de su dedo, hacia el centro de la formación enemiga, puedo ver un estandarte más grande que el resto, de colores oro y rojo, con algún dibujo que no alcanzo a distinguir. Junto a él, otro más estilizado con forma de cabeza de dragón, un *draco*.

Intento agudizar la vista hasta que me duele. Justo delante del pendón, hay un hombre a caballo, encerrado en reluciente hierro, que nos observa. Señala diferentes puntos de nuestra línea y explica algo a algunos oficiales que están detrás de él a pie. ¿Será Cadwallon?, ¿será el Alto Rey de los Britones, la leyenda hecha carne?

A mi derecha, el hombre que no puede parar de parpadear, se revuelve nervioso.

—Ese malnacido está tramando algo —le oigo mascullar entre dientes; no me habla a mí, lo sé, pero no puedo evitar volver el rostro hacia él—. ¿Qué miras, mamón? —me increpa, y aparto los ojos rápidamente.

Oigo reír al hombre que tengo a mi izquierda.

—Joder, Hereweald, ¡cállate! Se ha vuelto a mear encima por tu culpa, y ya huele bastante mal aquí.

Miro al frente, no me atrevo a mover un músculo. Noto arder mi rostro y puedo imaginarlo rojo de vergüenza.

Mis ojos se desplazan a la izquierda de la línea enemiga, donde ondean las enseñas de los anglos de *Mierce*. No entiendo mucho de la guerra, pero creo que Penda está en el lugar que le corresponde, en el flanco izquierdo, el segundo lugar más importante, frente a nuestro rey Eadwine.

No obstante, el que Cadwallon no esté a la derecha, sino en el centro, no hace más que suscitar comentarios entre los veteranos soldados que me rodean. ¿Qué estará planeando el Alto Rey de los Britones?

Los galeses han bajado al terreno irregular que une su loma a nuestra colina y se han detenido. Veo hombres a caballo que recorren el frente, colocando a sus guerreros, animándolos, incentivando sus ansias de batalla. Veo que los britanos no forman un muro de escudos tan cerrado como el nuestro, intentando dejar más amplitud a cada guerrero. Veo cómo los estandartes toman posiciones junto a cada señor de la guerra, cada oficial, para que los hombres puedan verlos e identificarlos con sólo levantar los ojos.

Veo a los clérigos cristianos dispensando perdón y rezando. Hombres que se arrodillan y bajan la cabeza ante ellos, y luego la levantan, quizás más tranquilos, cuando han pasado.

¿Cómo se sentirá nuestro enemigo? ¿Tendrá tanto miedo como yo o son hombres

decididos?

—Hay más de cinco mil hombres ahí abajo —suspira alguien detrás de mí. No sé cómo habrá podido contarlos, pero la cifra se corre rápidamente de un lado a otro del muro de escudos.

Han formado largos muros de escudos con más de seis líneas de fondo y un frente de cerca de un kilómetro de largo. No sé si serán cinco mil, pero está claro que son muchos, demasiados.

A la izquierda de la formación enemiga, me llega el estruendo provocado por los anglos de Penda, cuando los hombres golpean con sus armas el escudo y gritan. Hay sacerdotes paganos entre ellos que se han acercado a tiro de piedra de nuestras líneas. Aúllan y nos llaman cobardes. Nos dicen que bajemos, mientras nos maldicen en nombre de los dioses y danzan para lanzarnos el mal de ojo.

Penda Pybbing desciende por línea paterna del dios Woden, o eso dicen. Por eso sigue siendo pagano y odia el cristianismo. Si hubiese nacido en su reino ahora estaría danzando con esos cabrones, y luego me retiraría detrás del ejército, a salvo de la carnicería.

Suenan los cuernos, los estandartes se balancean, los sacerdotes cristianos y paganos se retiran; y el muro de escudos enemigo se abre para dejar paso a los arqueros.

Ya queda poco. No sé mucho sobre las batallas, pero tengo claro que generalmente comienzan con flechas.

No nos hemos movido, seguimos en lo alto de la colina. Si los galeses deciden venir por nosotros, tendrán que subir. La pendiente no es pronunciada, pero está embarrada y se cansarán. Y cuando estén cerca, nosotros podremos cargar cuesta abajo.

Los nuevos clérigos cristianos del rey Eadwine están dispensando sus ceremonias a las tropas. Hablan latín y no entiendo nada.

Uno de esos sacerdotes llega ante mí y pronuncia sus conjuros. En otra época le hubiese escupido y llamado cuervo, pero ahora me limito a bajar la cabeza, sin atreverme a mirarle a los ojos. El poder del Dios cristiano crece cada día mientras que los viejos dioses, mis dioses, se marchan.

—¡Se mueven nuestros hostigadores! —en un muro de escudos las noticias vuelan de un compañero al otro que tienes al lado, y pronto todo el mundo se entera de lo que ocurre en otro sitio.

El hostigador no es el guerrero más valorado entre los anglos, de hecho sus filas suelen estar formadas por pobres y desheredados. Pero siempre es mejor que ellos vayan delante para recibir las flechas y jabalinas del enemigo.

No puedo verlos, pero se corre la voz de que están desplegando a nuestra derecha y avanzan para cubrir todo el frente. Son arqueros, jabalineros, honderos y otro tropel de igual valía. Hombres cuya vida importa bien poco, y entre los que podría haberme encontrado si mi señor rey, Eadwine, no me hubiese regalado casa y buena tierra para cultivar. Soy un *kotsetla*, un campesino acomodado que puede permitirse lanza, escudo, un afilado *seax* y buenas jabalinas.

Por fin los veo acercarse, están avanzando cubriendo todo el frente de batalla. Deben ser más de cuatrocientos. Van dispersos, guiados por sus líderes para situarse frente a los arqueros britanos.

Esos hombres deben de estar agotados. Si nosotros hemos caminado durante toda la noche, los hostigadores llevan días sin dormir, acosando al enemigo, retrasándolo. Gracias a ellos, nuestro *cyning*, Eadwine, ganó tiempo para reunir la hueste de *Deira*, y que llegaran los refuerzos del norte, de *Bernaccia*. Gracias a ellos, hoy podemos combatir aquí con la ventaja del terreno, en el conquistado reino britón de *Elmet*, en este campo embarrado, no en una *Deira* desolada por el paso de los ejércitos.

Esos hombres son héroes que llevan días en los bosques, luchando cada palmo de terreno. Pero, realmente, da igual. Serán despreciados, como me desprecian a mí, porque son la escoria, incapaces de costearse una lanza y un escudo, de luchar como hombres, cara a cara, mano a mano.

Un cuerno toca detrás de mí. Su melodía se extiende a lo largo de la fila hasta morir. Osfrith da una orden y el estandarte se balancea. Los Señores de la Guerra de *Deira* y *Bernaccia* ordenan a los hombres y avanzamos unos metros hasta situarnos al final de la pendiente de la colina, de manera que nuestros enemigos siempre tendrán que combatir mirando hacia arriba.

Nos obligan a reducir la profundidad de nuestras líneas a cuatro hombres de fondo y a abrir un poco más nuestra formación para hacer nuestro frente más largo, ocupando toda la colina y así evitar que nuestros enemigos, que nos doblan en número, puedan rebasar nuestros flancos cuando carguen sobre nosotros.

Nuestro muro de escudos ya no es tan cerrado y no puedo evitar sentirme un poco desprotegido. Por los rumores que oigo, el resto de los guerreros que me rodean tampoco parecen demasiado contentos.

Los clérigos cristianos aprovechan la oportunidad para escurrirse a la retaguardia, donde estarán a salvo. Donde debería estar yo.

Los oficiales no paran ni un segundo, corren de aquí para allá reordenando la fila.

En la escasa instrucción recibida cuando se reunió el ejército, descubrí que es fácil, al avanzar, perder la sincronía o la perfección de nuestro muro de escudos. Además, las formaciones siempre tienden a irse hacia la derecha porque los hombres buscan proteger todo lo posible su cuerpo con su escudo y con el del hombre que camina a su derecha. Pero allí están ellos, recomponiéndolo, animando a los hombres, castigando a los más débiles. Ya lo he dicho, ellos son la espina dorsal de este ejército.

Somos más de dos mil hombres. Los del centro somos la mayoría de *Deira* o *Bernaccia* y estamos bajo el mando del hijo del rey, el *aetheling* Osfrith. A la derecha, todos los hombres son de *Deira*, veteranos de mil batallas. Entre ellos está la caballería del rey, con el propio *cyning* Eadwine al frente. En otras ocasiones, he oído que el rey ha llevado la caballería al flanco enemigo, descabalgado y cargado para descomponer la formación de éste. No sé si hoy lo hará, nuestros enemigos nos superan en cientos de hombres y frente a él tiene a un guerrero feroz, el rey Penda.

El ala izquierda está comandada por el *aetheling* Eadfrith, bajo cuyas órdenes sirven gentes de otras partes, incluso britanos de la conquistada *Elmet* o anglos del tributario reino de *Lindisware*. Eadfrith tendrá que hacer frente a las huestes galesas de varios reinos y al grueso de la caballería de *Gwynedd*.

La presencia del Alto Rey Cadwallon frente a nosotros ha creado desconcierto, los veteranos que tengo alrededor dicen que las batallas rara vez se deciden en el centro, sino en las alas, que si Eadfrith aguanta el envite de los galeses y la caballería de *Gwynedd* el tiempo suficiente, nuestro rey Eadwine romperá al enemigo por la derecha y se adentrará en su líneas causando muerte. Entonces, el enemigo huirá y todo será darle caza... y recoger el botín.

Eso dicen, y deseo que tengan razón, algunos de estos hombres llevan combatiendo desde antes de que yo naciera.

Es mediodía, pero el sol apenas logra asomarse en un cielo dominado por nubes cargadas de lluvia.

Abajo, los cuernos suenan, sucediéndose unos a otros. Oímos a los britanos cantar, gritar y golpear los escudos, quizás sea una buena manera de ahuyentar el miedo. Entonces, avanzan, comienzan el lento ascenso por la colina, paso a paso, protegidos por una pantalla de arqueros que pronto estarán a tiro de nuestros hostigadores.

Desearía que la colina fuese más pronunciada y el campo estuviese más embarrado.

Un metro..., dos metros..., no paran, ya vienen, los dioses nos protejan. ¡Ya vienen! Veo las líneas de sus escudos pintados con los más variopintos emblemas, con especial abundancia de símbolos cristianos sobre fondo blanco. Veo sus cabellos morenos y el brillo de cotas de malla. Sus cuernos mortifican mis oídos, sus gritos causan pavor en mi alma. ¡Ya vienen!

Me castañetean los dientes, me tiembla el brazo que sujeta la lanza. Desearía estar en otro lugar, pero me ha tocado vivir el tiempo de la espada.

No sé si lo he dicho, ésta es mi primera batalla y nunca he matado a un hombre, pero... ¡ya vienen! El viento ha dejado de soplar, pero yo tengo frío. Mucho frío y mucho miedo.

III

Un rayo de sol se escabulle entre las nubes cargadas de tormenta y recorre el centro del campo de batalla, haciendo brillar la hierba mojada.

Como si de una señal se tratase, vuela la primera flecha. La dispara uno de nuestros hostigadores, y luego otros le imitan convirtiendo el cielo en lluvia de madera y piedra. Una lluvia mortal que cae sobre los arqueros galeses, sembrando la muerte.

Entre las líneas de anglos se corre un murmullo de euforia por la primera sangre derramada.

—Los arqueros galeses avanzan en formación abierta, no les causaremos demasiadas bajas —murmura alguien. Siempre hay algún pesimista, como si no tuviésemos bastante.

Algunos arqueros se detienen para arrastrar a sus compañeros heridos lejos de nuestros proyectiles, pero la mayoría se posicionan en un largo frente, y a una señal cargan y disparan, a una velocidad que sólo proporciona el entrenamiento de toda una vida. Disparan una y otra vez, y nuestros hostigadores les devuelven el fuego.

Es increíble ver cómo el suelo se llena de flechas, dardos y piedras, y como los hombres intentan esquivar los proyectiles de sus enemigos calculando su trayectoria, y al mismo tiempo intentan disparar su propia carga.

Pronto aparecen huecos de heridos y muertos. Hombres que manchan el brezo de sangre, que gritan y se arrastran, hombres que abandonan la vida en el más terrible de los escenarios.

—La escoria está haciendo un buen trabajo —comenta un veterano no muy lejos.

—Sí, mejor ellos que nosotros —replica otro mientras se rasca la entrepierna—.

No es que las flechas, los dardos, o esas piedras me preocupen, ¿eh? No matan demasiado —puntualiza con premura, cuando los demás le miramos por si hay algún síntoma de cobardía—, pero toda esa mierda es muy útil para desorganizar, desmoralizar, o

mantenerte inmóvil bajo el escudo, ¿no?

—Sí —le apoya un tercer hombre, muy serio, sin mirar a nadie—, y mientras te defiendes de su lluvia, el enemigo aprovecha para flanquearte, y se acabó todo. Ya ha pasado antes. Mientras los galeses gasten sus flechas con la escoria podemos dar gracias a los dioses.

Muchos hombres asienten y yo absorbo lo que dicen porque me va la vida en ello.

Me alegro de que sean nuestros hostigadores quienes estén ahí, intercambiando el fuego, sufriendo las bajas. De no estar ellos, seríamos nosotros los que sufriríamos bajo las flechas enemigas.

No he luchado nunca en una batalla, pero por instinto, de alguna manera, empiezo a comprender los mecanismos de la guerra. Sólo por estar aquí, al borde de la muerte, quizás mi mente aprende más rápido.

Algunos de nuestros hostigadores, equipados con jabalinas, corren hacia los enemigos, causando más daño que las flechas; hay quién incluso saca su cuchillo de hueso o hierro barato y cae sobre los enemigos matando antes de morir. Son locos héroes suicidas, cuya valía nunca será reconocida.

Debo señalar que la lucha tiene algo hipnótico, embriagador, algo que me impide apartar los ojos de la carnicería. Venimos aquí a matar hombres que no conocemos ni nos han hecho nada, dispuestos a perderlo todo. Algunos dicen que la batalla es poesía... yo pienso que es pura locura.

Me siento solo, pese a estar rodeado de miles de hombres: me siento único. He oído hablar antes de este sentimiento a algunos viejos soldados, en las hogueras. Dicen que es la última frontera, cuando tu mente y tu cuerpo aceptan que el fin puede estar cerca, que debes dejar atrás las preocupaciones de la vida para enfrentarte al hecho de la muerte.

Y debe de ser cierto, pues ya no siento miedo. O no de la misma forma. Un terror profundo sigue subyaciendo dentro de mí, pero algo lo está acallando para permitirme dominar mi cuerpo. La rabia calienta mis músculos ateridos por el frío; sé que en cuanto comience a moverme, estarán listos. Que mi mente trabaja más rápido y con más claridad que nunca.

En este instante, en este momento, me he desprendido de todo el peso de la vida, de los sueños, del amor, de las obligaciones y de las añoranzas. Siento que he dejado atrás una pesada carga para poder hacer frente al futuro más demoledor que pueda depararme este campo de batalla. No me importa que me castañeen los dientes o me tiemblen las piernas, o que me vuelva a mear encima. Estoy listo.

—¡Por los dioses... hay hombres allí! —la voz de un hombre detrás de mí me recuerda que estoy rodeado de soldados. Su brazo señala por encima de mi hombro un bosquecillo a nuestra izquierda. No sé qué señala, no veo nada. ¡Espera!, sí, hay hombres entre la vegetación, hombres que han ganado parte de la colina amparándose en los bosques y que avanzan sobre nuestro flanco. No son muchos, no parecen muchos, pero se han aproximado más que ningún otro galés hasta ahora.

—Escaramuzadores —murmura Herewald, el hombre que está a mi derecha, sin

darles demasiada importancia—. Corre la voz para que le llegue la información a la gente del flanco, por si no los han visto todavía desde donde están.

—No son más que escoria de la peor calaña —escupe otro guerrero, haciéndose el valiente, pero se asusta como los demás cuando el suelo tiembla bajo nuestros pies.

Es un ruido sordo que se intensifica y parece tener el mismo ritmo que nuestro corazón. De repente, frente a nosotros, pasa a galope toda la caballería de nuestro flanco izquierdo.

Encabezándolos vemos a nuestro señor Eadfrith, vestido con una pulida lorica de escamas y un yelmo empenachado con crin de caballo rubio. Es un hombre alto y corpulento, y parece un gigante sobre nuestros pequeños y panzudos caballos.

Son más de cien jinetes que cabalgan siguiendo nuestro frente, y luego, descienden la colina. Nuestros hostigadores corren a apartarse de su camino para no verse arrollados, y los arqueros enemigos no se lo piensan dos veces antes de dispersarse buscando escapar a la matanza que se les viene encima.

Pero Eadfrith no está interesado en ellos. O al menos no pretende matarles, sólo ponerles en fuga. A una orden suya, la caballería hace una brillante curva que la sitúa en paralelo al frente de nuestros enemigos, y arrojan una jabalina detrás de otra sobre ellos, obligándolos a refugiarse tras el escudo y matando algunos hombres. Después, Eadfrith conduce a su caballería hacia nuestro flanco derecho, donde está su padre, el rey Eadwine.

Es listo —pienso—, ha logrado en un momento romper el intercambio de proyectiles, poner en fuga a los arqueros enemigos, y causar apuros a la infantería galesa que, por primera vez en la batalla, ha sentido de cerca el peligro.

Ha precipitado el choque, pues ahora, sin la pantalla de arqueros y tras unos momentos de indecisión que han aprovechado nuestros hostigadores para causarles bajas antes de retirarse, los galeses y los anglos de Mierce han cerrado filas y ascienden la colina, protegiéndose con los grandes escudos redondos. Desde arriba puedo ver sus cascos de hierro, y la punta de sus lanzas y jabalinas. Puedo ver a sus oficiales sobre panzudos caballos, detrás de la formación de infantería, impartiendo órdenes, y a sus señores de la guerra, encabezando a los hombres en primera línea, fieros y terribles, vestidos como príncipes y exhortando a los demás para que imiten su valor.

Puedo ver a Cadwallon, que cabalga, seguido de unos pocos fieles, hacia su flanco derecho. Le veo dar órdenes y reunir a la caballería de *Gwynedd* en torno a su bandera.

Los galeses avanzan. ¡Ya vienen!, sólo me separa el doble de un tiro de flecha de la muerte.

Miro hacia atrás, buscando si hay alguna posible ruta de escape, pero todo son lanzas, escudos y rostros fieros. Antes siquiera de que hubiese dado dos pasos, me despedazarían por cobarde y Osfrith tendría el camino abierto al lecho de mi esposa.

En estos momentos me gustaría tener hidromiel que llevarme a los labios y me diera coraje. He oído que algunos hombres combaten borrachos, y los comprendo perfectamente, pues el alcohol ayuda a sobrellevar mejor el frío y embota la mente. Pero

aún tengo demasiado fresco el recuerdo de lo que paso cuando pillaron a un campesino durante los entrenamientos bebiendo a escondidas.

Delante de todos, a modo de escarmiento, un oficial armado con una vara de avellano arrastró al infractor sobre el barro.

—En el ejército de *Deira* no se permiten los borrachos —le gritaba con cada golpe. No hablaba para él, sino para todos los que estábamos mirando—. El hidromiel embota los sentidos y vuelve a los hombres demasiado impredecibles para la rígida organización que necesita la guerra. ¿Está claro?

El pobre infeliz respondía que sí, pero eso no le salvo de que le dejaran el cuerpo irreconocible.

Nuestros oficiales recorren una vez más nuestro frente, pasando revista, intentando que estemos preparados para la defensa más sólida o la carga más demoledora. Uno golpea mis piernas y corrige la posición de mi brazo. Es un tipo feo con cara de sapo, fornido como un toro y con un mostacho enorme. Lleva un casco alto, rematado con un pequeño jabalí pintado de rojo.

—Saca el escudo y esconde esas piernas, mamón, o quieres que te las corten. Esa lanza arriba, sobre los hombros, con la punta hacia abajo. ¿Es que nadie te ha enseñado a luchar? —me dice, pero luego fija los ojos en el hombre que tengo detrás y ladra—. ¡Tú!, estate atento para ocupar la primera línea cuando destripen a este. Si el frente se rompe aquí, os juro a todos vosotros que vais a desear no haber nacido.

Exhalo aire cuando se aleja. ¿De qué se queja? La instrucción para la leva es rápida, dura los pocos días que tarda el ejército en juntarse y ponerse en marcha, y se basa sobre todo en aprender a mantener la formación, no en las sutilezas del uso de las armas. A diferencia de otros hombres, yo no he tenido un padre que me enseñase a manejar la lanza. De hecho no pensé que jamás tuviese necesidad de usarla. Con un poco de suerte, será a él a quien destripe algún galés hoy.

Veo que Osfrith también está dando un último paseo entre los hombres.

—Luchad con valor y manteneos firmes —le oigo decir—. Proteged al hombre que tenéis al lado, y os estaréis protegiendo a vosotros mismos.

—Vuestro hermano es un héroe, señor —le dice alguien, algún adulator.

Osfrith tuerce la boca.

—Mi hermano ha dejado sin caballería nuestro flanco izquierdo, y media centena de escaramuzadores galeses que han surgido de la espesura, están ahora disparando jabalinas a su antojo sobre nuestra gente.

Nuestro señor no se entretiene con nosotros. Pronto el enemigo estará a tiro de jabalina y necesita ocupar su puesto.

Oigo los cuernos y las trompetas por toda nuestra línea. El oficial con cara de sapo, que es el mando más cercano a mi posición, nos ordena preparar las jabalinas. Yo tengo dos. Deposito una de ellas, junto con la lanza, en la mano del escudo, y preparo la otra.

Los galeses están subiendo, despacio pero sin pausa. Están a trescientos metros.

Ya puedo distinguir sus rostros. No son demonios, ¡se parecen tanto a nosotros! Son hombres, como yo, que piensan, temen, aman, cuidan de sus mujeres y se enorgullecen de sus hijos, que celebran fiestas en tiempos de buenas cosechas, y pasan hambre en invierno cuando el cereal escasea.

Intento desechar estas ideas, que no me ayudan en nada, y recuperar el calor de la rabia en los músculos. Pronto, ellos vendrán a matarme o yo tendré que matarlos a ellos. Es el juego de la guerra, y yo necesito ser menos humano y convertirme más en una bestia.

Aparto mis ojos de sus rostros, y los poso en sus escudos redondos, en sus cascos adornados con crines de caballo, en sus pulidas cotas de malla, en sus lanzas y espadas. Tenemos frente a nosotros a la élite de *Gwynedd*, los guerreros mejor armados y entrenados, y a quienes Cadwallon ha estado motivando hasta el último minuto. ¡La élite de *Gwynedd* que asciende para enfrentarse a la élite de *Deira*... y a mí, que no soy más que un pobre campesino!

A lo lejos, en un último vistazo, observo que nuestro rey, Eadwine, y su hijo, Eadfrith, se llevan a la caballería más abajo, buscando el flanco enemigo, desmontan, forman un muro de escudos y avanzan sobre los anglos de *Mierce*, intentando abrir dos frentes.

Desde la izquierda, nos llega el rumor de que algunos de nuestros hombres, gentes de *Elmet* y *Bernaccia*, han perdido la paciencia y han salido en persecución de los escaramuzadores britones.

Y de poco más puedo enterarme, pues los galeses ya están aquí... ya han llegado.

—¡Disparad! —la orden corre por toda la línea, y lanzamos nuestras jabalinas. La mayoría choca contra los escudos de nuestros enemigos, pero alguna hiere o mata.

Me cubro con mi propio escudo cuando veo venir los proyectiles de nuestros enemigos. Mi brazo tiembla cuando una punta de acero atraviesa la madera de tilo y surge a pocos centímetros de mi cara.

Respiro hondo. Bajo el escudo. Lanzo la segunda jabalina. Vuelvo a alzar el escudo. El silbido de los proyectiles enemigos pasa sobre mi cabeza; más atrás, oigo a algunos hombres quejarse y a otros aullar de dolor.

Aprieto con fuerza mi lanza. Bajo el escudo y lo junto con los de mis compañeros.

El enemigo está recomponiendo sus filas, y haciendo acopio de valor para la carga. Veo sus rostros sudorosos, la tensión en su mirada, veo como preparan las lanzas.

Aprovecho los segundos para sacar la jabalina de mi escudo.

—¡Hombres, lanzas en alto! —la voz del oficial con cara de sapo se extiende a lo largo de la línea—. ¡Preparados!

Un clamor se extiende por todo nuestro frente. Hombres que gritan, hombres que escupen su ansiedad y su mierda.

—¡Hombres!, ¡los dioses están con nosotros! ¡Valor!, ¡el *Waelcyrge* está prometido a los mejores de vosotros! ¡Y el resto podréis disfrutar el botín y las mujeres de nuestros enemigos!

Veo que los galeses han reunido el valor y se disponen a ascender deprisa los últimos treinta metros que les separan de nosotros.

Entonces, el rumor de una orden se extiende entre los hombres, y pronto el oficial con cara de sapo se hace eco de ella.

—¡Hombres! ¡Ahora! ¡Cargad!

Y siento que el escudo del hombre que tengo detrás me empuja y su umbo me hace un moratón en la espalda. Me obliga a avanzar, junto con toda la línea. Mi corazón bombea con fuerza, con rabia, a punto de estallar. Mi cerebro no piensa, ha dejado lugar, por fin, a la bestia. A mi alrededor, un rumor crece en poder e intensidad cuando los hombres claman con fiereza su grito de guerra. Me uno a ellos.

— *Dēap!*, *Dēap!*, *Dēap!*

Los galeses suben y nosotros bajamos, y en el medio de todo esto, los de delante intentamos guardar una última distancia para tener espacio para usar la lanza, pero los de atrás nos empujan, precipitándonos sobre los escudos del enemigo, y la madera choca con la madera en un ruido terrible, digno de una pesadilla, y la punta de mi lanza atraviesa, como por azar, a un galés que se encuentra en la segunda línea. Veo, de soslayo, que la punta está manchada, y que donde mi enemigo tenía antes el ojo, ahora sólo existe vacío y sangre, y luego, mi enemigo cae, y se pierde de mi vista. Me estremezco, tiemblo y lloro, todo al mismo tiempo y ni siquiera me doy cuenta, ocupado como estoy en levantar el escudo para que no me abran la garganta, y en bajarlo cuando dejo demasiado desprotegidas las piernas.

Reina la locura, no puedo pensar, actúo por instinto y un poco de entrenamiento. No sé cómo estoy vivo cuando a mi alrededor no paran de morir hombres. Mi compañero de atrás me empuja, noto la frialdad de su umbo clavándoseme en la cadera, y su lanza pasa por encima de mi hombro buscando la cabeza del galés que tengo enfrente y que a su vez me agujonea por delante.

He perdido mi lanza, no sé cuándo ni cómo, aunque sí sé que era un trasto inútil, pues todo mi interés está en evitar las estocadas y refugiarme tras el escudo; no tengo tiempo para matar.

Al principio hemos hecho retroceder a nuestros enemigos por el ímpetu de nuestra carga cuesta abajo, pero ahora su mayor profundidad de líneas nos ha frenado y me veo avanzando y retrocediendo según los vaivenes de la batalla. Bajo mis pies piso en ocasiones algún cuerpo caído, o chapoteo sobre algo que no es ni brezo ni barro. Me invade el pavor, e imagino la sangre cubriéndome hasta las rodillas.

Herewald, mi vecino de la derecha, ha muerto. Puedo verle escurriéndose entre el escudo enemigo que empuja y el del compañero que intenta ocupar su lugar desde atrás en el frente. Un galés le ha hundido su espada corta bajo las costillas, sin que de nada le haya servido la cota de malla. Es posible que haya sido hasta culpa mía, pues me he olvidado de protegerle como correspondía.

Me escondo como puedo tras el escudo, grito con rabia e impotencia. Por el rabillo del ojo veo venir la punta de una lanza; es el fin, comprendo, pero mi instinto alza un brazo, y la punta me rasga la carne como si fuese de manteca.

El dolor es lacerante, pero he desviado el hierro destinado a acabar con mi vida.

El olor a sudor, a orina y a sangre lo puebla todo. Mis oídos se han vuelto insensibles al griterío de los heridos. Estoy agotado, pese a que llevamos pocos minutos combatiendo. El frente flaquea.

—¡Tapad la brecha!— oigo decir a alguien a mi izquierda; quizás sea el oficial con cara de sapo, lástima que no se lo hayan cargado ya al muy hijo de puta.

—Dioses, ¡hombres aquí! ¡Joder, que nos van a matar!

Detrás de mí, noto menos presión, algunos guerreros están siendo desviados para tapan la brecha. Los galeses aprovechan para empujar en nuestro frente. La hoja de un puñal se clava en mi pierna, los ojos me lloran de dolor hasta impedirme ver. Notó que pierdo fuerza y mis rodillas se doblan solas.

A duras penas puedo moverme. Mi escudo apenas es un trozo de madera inservible que rodea un umbo mellado. He perdido mi *seax*, cuya empuñadura de cuerno tallé con esmero el pasado invierno, aunque tampoco recuerdo haberlo sacado de su funda.

El galés que tengo enfrente ha perdido su arma y se dedica a darme puñetazos en la cabeza. Por un instante noto que pierdo el sentido.

Alguien tira de mí hacia atrás, y veo al propio Osfrith, el hijo del rey, ocupar mi lugar.

Me arrastro por el suelo, llorando como un niño, llamando a mi madre. Mis propios compañeros me pisan y me dan patadas, intentando asegurar el muro de escudos y proteger a Osfrith. Tiro mi escudo. Estoy cubierto de sangre. Tengo heridas por todo el cuerpo, algunas que no he visto ni sentido hasta ahora. El brazo y la pierna me atormentan.

Un sacerdote cristiano me agarra de la mano y tira de mí lejos de las líneas, junto a otros heridos y moribundos. Veo que me encomienda a su Dios e intenta detener la hemorragia de mis heridas. Está tan cubierto de sangre como yo, y varias mujeres le ayudan.

Yo casi me siento desfallecer, y le imploro que no me deje solo cuando acaba, pero no me hace caso y baja a por otros.

Junto a mí hay un hombre que hace unos instantes blasfemaba como un poseso mientras intentaba sujetarse los intestinos, y ahora yace inerte, rodeado de moscas.

Siento arcadas, y vomito. Me siento fatal. Por mi mente pasa la imagen fugaz del hombre al que clavé la lanza en el ojo en los primeros compases de la batalla. Las arcadas no remiten aunque no tengo nada más que echar.

Más atrás, algunas mujeres cargan en carros a los heridos más graves, mientras rezan para que ninguno de ellos sea su marido, su padre o su hijo. ¡Qué valientes son! Están aquí, con nosotros, viendo como nos matamos como idiotas, y no rechistan ni se quejan, sino que nos cuidan e intentan ponernos a salvo.

Parece que la pierna me duele menos estirada; el brazo ya casi ni lo siento. Sólo tengo un consuelo: por ahora, contra todo pronóstico, continúo vivo.

La presión de los galeses nos ha hecho retroceder, pero nuestro centro, con Osfrith a la cabeza, aún aguanta. A la derecha, *cyning* Eadwine y Eadfrith están castigando duramente a los anglos de *Mierce*, causándoles muchas bajas, y los han empujado hacia abajo, pero la reputación del rey Penda es merecida y sus líneas se mantienen.

Algunos de los heridos provenientes de aquella zona comentan que cuando nuestra caballería, con nuestro rey a la cabeza, descabalgó y atacó el flanco de *Mierce*, Eobba Pybbing, hermano de Penda, dirigió una contracarga. Sacrificando su vida, y la de aquellos que le seguían, consiguió detener el ímpetu de nuestra gente, y dio tiempo a Penda para organizar a sus guerreros y aguantar nuestra acometida. Dicen que ese Eobba estará en boca de los bardos durante generaciones, pero yo sólo puedo maldecirle por haber impedido nuestra victoria.

De nuestra izquierda los supervivientes dicen que está perdida. Cuando nuestra gente deshizo las líneas para perseguir a los escaramuzadores, los galeses aprovecharon para cargar sembrando el desconcierto y la muerte. Osfrith se vio obligado a enviar todos los refuerzos allí, pero eso tampoco parece que haya hecho más que retardar lo inevitable. La leva se bate en retirada en esa zona, y sólo los más fieles aguantan, aunque los galeses los han rodeado y los matan poco a poco.

En cuanto acaben allí y se cansen de perseguir a los que huyen, vendrán por nosotros.

—Nuestra victoria depende de que Eadwine ponga en fuga a los anglos de *Mierce* pronto, y de que pueda hacer una maniobra envolvente en pinza sobre el centro de nuestros enemigos —oigo decir a un veterano que ha perdido un ojo y todos los dedos de una mano menos el pulgar. Me he arrastrado junto a él para aprovechar el resguardo de un árbol.

Debo de presentar un aspecto lamentable. Estoy cubierto de sangre hasta los ojos, tengo la túnica rasgada, y huelo a una mezcla de sudor y vómito. Si mi esposa me viese ahora me echaría una buena reprimenda.

Un poco más abajo, podemos ver las espaldas de nuestros guerreros, empujando y muriendo, batiéndose con los galeses hasta el último aliento. La sangre, el sudor rancio, y los meados siguen siendo los olores reinantes, y el griterío de los que luchan, de los que mueren y de los heridos, la música de fondo. Hace un momento yo estaba allí, con ellos, en la peor experiencia de mi vida. Bien saben los dioses que no quiero volver a pasar por trauma semejante, pero los dioses se han ido o simplemente se ríen de los deseos de los hombres...

Un clérigo cristiano pasa ante nosotros y nos mira con ojo crítico. Estudia la mano de mi compañero y mi herida en la pierna.

—Podéis luchar —sentencia.

—¡Y tú también! —le respondo ante la mirada aprobadora de mi compañero—, puede que incluso mejor que nosotros, pues no has soportado el muro de escudos.

Pero no me hace caso. Ordena a una mujer que me dé un escudo, y le dan una lanza al tuerto.

—Os necesitan para reforzar el flanco izquierdo —dice el cristiano.

—No pienso ir —le increpo, pero no me hace caso, simplemente se marcha como si yo no existiera.

—Vamos —me dice el tuerto, mientras agarra la lanza con su mano sana. No sé su nombre, no se lo he preguntado. Quizás sea mejor así, puede que en breve ambos estemos muertos—, hay que ayudar. No lo haces por él —añade al ver mi mal humor—, sino por ellos —su cabeza asiente hacia los hombres que aún combaten más abajo. Cada vez son menos, hasta el punto de que ya casi no pueden turnarse en primera línea—. Si el flanco cae demasiado pronto, todos ellos morirán.

Me levanto de mala gana y le sigo cojeando hasta un pequeño muro de escudos que han formado otros heridos en un nuevo flanco, pues el flanco izquierdo real ya no existe, sino que son hombres muertos y hombres corriendo, y galeses matando y persiguiendo. Apenas somos trescientos hombres, y, como llevo escudo, me sitúan en primera línea. Detrás de mí, se coloca el tuerto con la lanza preparada.

—Debemos aguantar hasta que nuestro *cyning* destruya a los anglos de *Mierce* —murmura.

—No vamos a aguantar una mierda —le replica otro hombre que ha perdido una oreja y tiene un tajo enorme en el pecho.

Me cuesta reconocerle por la sangre que cubre su rostro, pero es Ceowald, el marido de la partera de los hijos de Osfrith. Un tipo espigado y delgado que tiene sus tierras no muy lejos de las mías. Hemos hablado más de una vez en el pasado, pero no hace muestra de conocerme; parece demasiado tenso, quizás es presa del pánico.

Puede que no sea para menos. Los oficiales galeses están recomponiendo su muro de escudos, y llamando a los hombres de regreso a las filas. Son muchos, más de setecientos. Por si eso fuera poco, Cadwallon —sí, el mismo Alto Rey de los britones— y sus jinetes cabalgan más abajo, manejando las espadas como si fuesen hoces de cortar trigo mientras matan a los que huyen.

En el campo de batalla ya no se ve el brezo, sólo cuerpos y ríos de sangre que corren colina abajo.

El tuerto ha tomado el mando de nuestro grupo, y nos ordena formar con dos hombres de fondo para extender nuestro frente. Pero somos demasiado pocos y estamos demasiado cansados para representar la amenaza que nos gustaría.

Los galeses se deben de estar riendo de nosotros, mientras forman un muro de escudos con cinco hombres de fondo. Nos van a pasar por encima.

Suspiro, resignado. Estoy demasiado cansado como para que incluso me preocupe el miedo y la muerte. Por fortuna la rabia y la furia han hecho que las heridas me duelan menos.

—Sujeta bien el escudo —me dice el tuerto detrás de mí—, yo me ocuparé de que unos cuantos se reúnan con el Creador antes de que nos arrollen.

Los galeses golpean con sus lanzas el escudo, nos gritan e insultan. Uno de ellos sale de la línea, se baja los pantalones y mea hacia nosotros. Parece mentira que les queden tantas energías. Nosotros estamos en silencio, esperando la muerte.

Entonces, comienzan el lento ascenso. Pese a su altanería no parecen tener prisa por chocar con nosotros. Quizás nuestra firmeza y nuestro silencio les infunden respeto.

Por el rabillo del ojo veo la caballería de Cadwallon que cabalga veloz por detrás de nuestras líneas, ascendiendo la colina por el flanco espacioso que han dejado nuestras tropas al huir.

Los hombres se revuelven inquietos cuando la caballería britona pasa cerca de nosotros. El suelo tiembla bajo nuestros pies, y nuestras fosas nasales se inundan con el olor penetrante del sudor de los caballos.

El tuerto intenta tranquilizarnos, pero ninguno podemos evitar mirar atrás, temiendo que nos ataquen por la espalda. Pero Cadwallon ya nos da por muertos, y continúa su camino. Va hacia nuestro centro, va a sorprender por la espalda a nuestros hermanos.

No puedo preocuparme de ellos más, mi atención vuelve a centrarse en el muro de escudos galés que avanza hacia nosotros. Están a cien pasos...

Los hombres están intranquilos, muchos siguen mirando hacia atrás, esperando la carga de caballería... El compatriota que tengo al lado huele a mierda.

Cuarenta metros...

—Yo ya he cumplido con mi señor —Ceowald parece alterado—. No pienso morir aquí.

Varias voces de otros disconformes se unen a él.

Treinta y cinco metros...

—¡Me voy! —Ceowald sale de la formación, tira el escudo y la lanza, y echa a correr hacia el norte. Siguiendo su ejemplo, otros hombres salen huyendo, y después más, hasta que todos estamos en fuga, incluso el tuerto y yo.

Los galeses gritan eufóricos a nuestras espaldas y echan a correr detrás de nosotros.

Siento la pierna como si se estuviese consumiendo en el fuego del infierno cada vez que la poso, pero si me detengo veré el inframundo en persona en poco tiempo.

El tuerto tira de mi brazo.

—Por aquí —dice, llevándome hacia lo alto de la colina, hacia el lugar donde Cadwallon está perpetrando la masacre sobre nuestro centro de batalla.

Parece una idea horrible, pero tiene razón. Nuestros otros doscientos noventa y ocho compañeros corren hacia el norte y los galeses les pisan los talones, se han olvidado de un par desventurados que parecen no tener intención de abandonar el campo de batalla.

Cojeando, sigo al tuerto por la colina, donde algunos cargan los últimos carros de heridos, y las mujeres y los monjes huyen en desbandada.

Todo parece perdido, nuestro centro ha desaparecido, engullido por una masa de hombres y caballos. Ya no hay orden ni muro de escudos, sólo hombres que matan y hombres que mueren, los nuestros.

Desde la distancia, contemplo como los galeses apuñalan con saña el cuerpo de Osfrith,

ya muerto, y luego lo llevan ante el caballo de Cadwallon.

El tuerto tira de mí y nos alejamos colina abajo, dónde Eadwine y Eadfrith se baten a muerte contra la hueste de Penda. Parece que las cosas van mejor en este lado. Los nuestros han hecho retroceder al enemigo y le están causando numerosas bajas.

El rey Penda lucha como un poseso, y son el miedo y el respeto, a partes iguales, que infunde a sus hombres lo que les mantiene aún en el campo de batalla.

—Si hemos de ganar o morir, lo haremos con nuestro *cyning* —me dice el tuerto.

Me dan ganas de responderle que si está de broma, pero estoy tan cansado que no me resisto cuando rodeamos la colina y nos acercamos a la retaguardia de nuestro flanco derecho, donde algunos hombres, heridos en su mayoría, descansan.

Delante de ellos, como un eco, el griterío de la batalla resuena en el lugar donde anglos del sur y anglos del norte se matan.

Allí está *cyning* Eadwine, incapaz de rehuir lo más enconado de la batalla, sabe que el tiempo corre en su contra y lo ha apostado el todo por el todo. Está intentando abrirse paso hasta Penda y matarlo. Porque ese coloso de dos metros de altura, cicatriz en el rostro, que exuda fiereza y determinación, no puede ser otro que el gran Penda, rey de los anglos del sur.

Me quedo embobado mirándole. Observo como maneja el escudo y descarga la espada, siempre desde arriba, pues los hombres se apartan ante él, temiendo su ira. Veo a los indomables guerreros bajo sus órdenes pelearse por destacar bajo su mirada. Penda se revuelve como por su casa en el campo de batalla, es uno de esos hombres que nacen para la guerra.

Y mi querido rey, Eadwine, avanza a su encuentro, sin temer enfrentarse a semejante criatura. Y la élite de *Mierce* choca con la flor y nata de los hijos de *Deira*. Lo mejor contra lo mejor. Me estremezco cuando hasta mis oídos llega el golpe de la madera y los gritos de guerra.

Los yelmos, las espadas y las lanzas brillan débilmente bajo el cielo plomizo del que ya no cae lluvia. La sangre salpica por todos lados, pero a mí no me importa, pues no puedo apartar mis ojos del lugar donde Eadwine, una cabeza más bajo, se encuentra con Penda, más joven y duro como una roca.

Mi compañero, el tuerto, me sacude.

—Vamos —me dice, quiere que me regrese a la batalla el muy loco, al lugar donde se baten hombres que valen cien veces más que yo. Quiere que regrese a la locura, pero mis ojos no pueden apartarse de Eadwine y Penda, cuando sus escudos se mueven como impulsados por una inercia propia para detener el golpe de su rival, o cuando sus espadas siegan el aire buscando la carne.

Sus guerreros se baten a su alrededor, empujando, matando y muriendo, pero no son más que hormigas.

El tuerto desiste finalmente, y me deja solo, corre hacia donde Eadfrith está intentando

romper el frente enemigo para ayudar a su padre y, al mismo tiempo, preparar un flanco contra los galeses que han destrozado nuestro centro.

Pero, ¿a mí qué me importa? Ya no siento ni el brazo ni la pierna, estoy asistiendo a un momento único en la historia.

Algunos de los heridos que me rodean comienzan a huir, alarmados porque en la cresta de la colina despunta la figura de Cadwallon. Sus galeses comienzan a desparramarse hacia abajo, en silencio, pasando por encima de los muertos, como una gran ola de lanzas. La cabeza de Osfrith despunta sobre una lanza que lleva uno de los jinetes de *Gwynedd* en primera línea. Pronto vendrán y todo habrá acabado.

Pero mis ojos no pueden apartarse por mucho tiempo de los dos reyes y de su duelo a muerte.

Penda es más grande, más fuerte y más joven. El escudo de mi rey está hecho trizas y su cuerpo lleno de heridas. Veo como Penda ríe de forma insultante, y cómo empuja a mi señor Eadwine al suelo con un golpe de escudo. Me levanto, lleno de furia, y echo mano a una lanza. Pero ya es demasiado tarde, la espada de Penda está roja de sangre, y baja una y otra vez.

Recuerdo cómo *cyning* Eadwine me lo dio todo, cómo me encumbró a su servicio, y cómo me protegió cuando los cristianos pidieron mi cabeza. Estoy llorando, pero esta vez no es de miedo. El rey de *Mierce* tiene la cabeza de mi señor entre sus manos y la ha alzado victorioso para que todos la veamos, mientras sus hombres dan patadas al resto del cadáver que permanece en el suelo.

La cabeza de Eadwine es pasada entre los anglos de *Mierce*, algunos la escupen, y uno se atreve a clavarla en una lanza y usarla como estandarte.

¡Es terrible! No respetan nada. ¿No se dan cuenta que han matado al *brytenwalda*?, ¿al hombre más poderoso de las islas?

Corro hacia la batalla, donde los gritos se intensifican y el muro de escudos se ha convertido en desorden, pánico y cólera, mientras los hombres más fieles de *Deira*, aquellos guerreros que acompañaron en su exilio a *cyning* Eadwine, aún persisten; son sus *hearthweruas*. Quedan pocos, apenas unas decenas, pero cargan con fiereza, como un torbellino de muerte, hasta llegar al cadáver de su rey. Quieren rescatarlo y corro hacia ellos. A mi alrededor las filas se deshacen y los hombres huyen para salvar sus vidas. Es el fin.

Penda y sus guerreros han cargado sobre Eadfrith, el segundo hijo de mi señor. Y los *hearthweru* aprovechan para ganar terreno en torno al cuerpo de Eadwine. Me uno a ellos, sin pensarlo, introduciéndome en la refriega. Estoy poseído por una rabia ciega... finalmente, he superado todas las barreras de la cordura.

La mayoría de los anglos de *Mierce* están con su señor. Han formado un muro de escudos, con Penda al frente, y han caído sobre Eadfrith y su gente. Con todo, hay muchos de ellos aún con nosotros, persiguiendo a los que huyen, y acosándonos con sus espadas y lanzas.

Me parapeto detrás de uno de los *hearthweruas* de Eadwine, un tipo grande; estoy tan cerca de él que siento el frío de su cota de malla. Ataco con mi lanza por encima de su hombro. No es mi mejor golpe, pero obliga a un enemigo a buscar refugio tras su escudo. Vuelvo a atacar, sorprendido yo mismo de tener aún fuerzas, para que el anglo de *Mierce* no pueda relajarse ni un segundo. El *hearthweru* que tengo delante aprovecha para introducir su *seax* bajo el escudo y abrirle el vientre. Con una frialdad que asusta, saca el *seax* y aparta al muerto con un golpe de escudo, para encararse al que está detrás de él en la fila.

Detrás de nosotros, algunos de los nuestros han logrado arrastrar el cuerpo de Eadwine hasta un carro, mientras el resto continúan la lucha, acercándose palmo a palmo al enemigo que usa la cabeza de nuestro rey como enseña. El muy idiota ve la muerte aproximarse a paso lento y está intentando huir, pero el propio muro de escudos de sus compañeros le empuja hacia nosotros.

Mi escudo humano cae de repente de rodillas, llevándose las manos al rostro. Por un instante me siendo desprotegido, vulnerable, hasta que alguien tira hacia atrás de él y ocupa su lugar en el frente, en silencio, con absoluta disciplina.

Estos guerreros, esta élite de *Deira*, lucha con una entrega que no pude ver ni entre los hombres de Osfrith. No gritan, pese al mar de enemigos que nos rodea, y sólo hablan para avisar de algún peligro o dar órdenes. Conocen bien su oficio, y están escribiendo una página de gloria en los pergaminos de historia.

Observo que algunos lloran, como yo mismo, sin emitir ningún gemido. Saben que su rey ha muerto, que han fracasado en su cometido. Es probable que cuando el cuerpo del rey esté a salvo, muchos de estos hombres se entreguen a la muerte.

El anglo de *Mierce* que lleva la cabeza de nuestro rey en su lanza está frente a nosotros. Ha encontrado refugio entre los escudos de dos compañeros; pero nada podrá salvarle. Veo sus ojos, azules y profundos, atemorizados. Debe ser terrorífico saber que un grupo de veteranos, cubiertos de sangre, viene a por ti. Me recuerda a mí mismo antes de que me entregase a la locura. Es un infeliz, pero va a pagar caro la ofensa a nuestro rey.

Los *hearthweruas* caen a mi alrededor, mueren uno a uno, después de haberse llevado por delante decenas de enemigos.

Sé que es hora de irse, pues los galeses se han desparramado colina abajo, como un río de lava, sedientos de sangre y han arrollado a las tropas de Eadfrith. Pero no me importa, no tengo miedo, he perdido el amor y el respeto por la vida... soy pura rabia. La Rabia es lo que me alienta mi brazo cada vez que descargo un golpe con la lanza. La Rabia es lo que me ha hecho olvidar el dolor de mi pierna o preocuparme por mis heridas. Es lo que me mantiene en pie, eso y que la cabeza de Eadwine está ahí delante.

Si he de morir aquí, que así sea, junto a hombres que luchan como dioses y veneran la lealtad por encima de todas las cosas.

Mi arma baja y sube, estoy extenuado, al borde del colapso. Los hombres tras los que puedo parapetarme cada vez son menos. Ojalá tuviese mi otro brazo sano para sostener

el escudo, entonces, no me importaría situarme junto a ellos, en primera línea; compartir su final y su gloria.

Uno de los *hearthweruas* clava su lanza en el pecho del enemigo que porta la lanza con la testa de Eadwine, y ésta cae al suelo, entre los pies de los que combaten. Se arma un revuelo. Los *hearthweruas* avanzan, empujan, y matan, y los enemigos retroceden.

Mi lanza sigue buscando la carne, pero ya casi no me quedan fuerzas. El hombre que tengo al lado se derrumba, le han cortado los tendones de una pierna, y se pierde entre la maraña de enemigos.

Piso algo duro, temo lo peor, y bajo la vista. Allí está, a mis pies, la cabeza de Eadwine, casi irreconocible por la sangre. Aviso a los hombres que tengo alrededor, y la recojo con mimo, mientras los *hearthweruas* hacen un círculo en torno a mí, protegiéndome.

Uno de ellos tira de mi brazo, el herido, hacia atrás, intentando arrastrarme fuera del frente. Atrás se quedan la mayoría de sus compañeros, protegiendo nuestra retirada, listos para entregar su vida.

Grito al cielo, llamando a Woden, avisándole de que pronto sus salones serán visitados por los mejores guerreros de Deira. Luego, me dejo llevar.

Corremos hacia el carro donde está el cuerpo de Eadwine, y me subo. Reverencialmente, sitúo la cabeza cerca del cuello.

La Rabia empieza a menguar, y el dolor intenso regresa.

Arreo a los caballos.

—¡Vámonos!, ¡vámonos! —gritó a los hombres que me rodean. Parece que al final voy a vivir; triste ironía del destino, ahora que había aceptado la muerte. Lloraría, pero ya no me quedan más lágrimas.

No nos queda mucho tiempo, los hombres de Eadfrith huyen, le abandonan por decenas, y el propio hijo del rey se rinde ante Penda. Y el rey de *Mierce* le arrebató la espada, le escupe y le carga de cadenas. Ahora tiene al heredero de *Deira* por prisionero.

El mundo es caos, hombres que huyen, hombres que matan.

Nos alejamos... abandonamos el lugar de la debacle. Algunos *hearthweruas*, apenas dos decenas, caminan deprisa alrededor del carro, guardando la formación. Quizás eso esté salvándonos la vida, pues los galeses y los anglos del sur se dedican a perseguir a víctimas más fáciles; y las hay por cientos corriendo en todas direcciones.

Atrás queda el infierno, y el regusto amargo de la derrota. Atrás queda *Haethfelth* donde ha muerto mi rey y Cadwallon ha conocido su mayor victoria. Pero no podemos detenernos, pues la Muerte pronto vendrá tras nosotros y se abatirá sobre *Deira* y *Bernaccia*.

Vuelvo el rostro atrás, un segundo, donde los cadáveres de mis compatriotas se esparcen por la colina. Hay tantos, cientos de ellos. Hombres que hace unas horas vivían, andaban y reían, y que ahora son sólo carne para cuervo. Estábamos aquí para defender nuestro

reino, y aunque la causa parece legítima, ¿hasta que punto no es este desastre fruto solamente de ambición de los poderosos? Quizás si en años anteriores Eadwine no hubiese hecho la guerra a Cadwallon o Penda, éstos no nos hubiesen atacado... o tal vez sí, porque Penda quiere ser *brytenwalda* y Cadwallon matar a todos los anglos. Si al menos se matasen entre ellos, pero sus guerras arrastran a miles de hombres como yo mismo, cuyo único deseo es vivir en paz y ver crecer a nuestros hijos. Nos traen a morir en sitios como *Haethfelth*, olvidados por los bardos, como si sólo fuésemos piezas de un juego.

Divago, nuestro *wyrd* está escrito. Siempre dependeremos de las decisiones de otros porque tenemos miedo de ser dueños de nuestro destino.

Debemos darnos prisa. Nuestro rey ha de ser enterrado en Eorferwic, y entonces, yo seré libre para poner a salvo a mi familia.

Fin

Nota histórica

En el siglo VII, en las Islas Británicas conviven más de 30 reinos, muchos de ellos ancestrales, como los de los pictos y los irlandeses, o surgidos tras la caída del Imperio Romano, como los de los britones; otros son de nuevo cuño, forjados por la invasión de los jutos, anglos y sajones.

Es una época terriblemente inestable y violenta, donde la mayoría de los reyes mueren en conjuras o en los campos de batalla, donde un hombre lo suficiente osado puede reunir un ejército y forjarse un reino.

En el año 633 d.C un poderoso ejército de *Gwynedd*, comandado por su rey más famoso, Cadwallon ap Cadfan, se unió a un ejército del reino anglo de *Mierce* (después *Mercia*), dirigido por Penda, y juntos avanzaron hacia Eorferwic (actual York).

Eadwine, por entonces rey de un extenso territorio que incluía las tierras de los reinos de *Deira*, *Bernaccia* y *Elmet*, salió a su encuentro y ambos ejércitos se batieron en el norte del reino de Elmet, en un lugar conocido como *Haethfelth*. Una zona pantanosa, donde abundaban los bosques y los brezos (el propio nombre de *Haethfelth* significa *Campo de brezos*).

Los estudios recientes sitúan la batalla en diferentes localizaciones, pero las últimas teorías, y que a nuestro parecer tienen más visos de corresponder con el lugar de la batalla, parecen indicar que la batalla pudo ocurrir cerca de Cuckney, en cuya iglesia se encontraron en 1951 más de 200 esqueletos, todos de hombres jóvenes, enterrados juntos, y con signos de muerte violenta. Los arqueólogos están seguros de que podría haber muchísimos más cadáveres enterrados y aún por descubrir.

Otro indicio que apunta a Cuckney, es un lugar cercano, conocido actualmente como *Heathfield*, un lugar que está, además, en la ruta que desde el sur tuvieron que seguir Cadwallon y Penda en su avance hacia el norte.

Otro dato interesante es que Cuckney se encuentra a dos horas (6,5 millas) andando del pueblo de Edwinstowe, el lugar donde se supone que pasaron la noche los restos sin cabeza del rey Eadwine después de ser rescatados por sus más fieles de manos de las huestes de Penda. Es probable que tan memorable evento quedase grabado en el colectivo popular, o quizás que con los años Eadwine sería venerado como Santo y pudo dar origen al nombre actual del pueblo.

Tras pasar la noche en Edwinstowe los restos del rey muerto serían llevados a Eorferwic

(York).

De los restos de su hijo Osfrith no se sabe nada, aunque cabe la posibilidad de que se enterrasen por los vencedores con el resto de sus hombres en el campo de batalla, después de ser despojados de todo lo que tuviesen de valor.

El otro hijo de Eadwine, Eadfrith, fue prisionero de Penda y asesinado pocos años después, cuando dejó de ser útil.

Beda se lamenta de que, después de esta batalla...

«Una gran masacre fue hecha en la iglesia y nación de los northumbrios; y tanto más cuanto que uno de los comandantes, por el cual se hizo, era un pagano, y el otro un bárbaro, más cruel que un pagano, porque Penda, con toda la nación de los mercios, era un idólatra, y un extraño para el nombre de Cristo, pero Cadwallon, a pesar de que llevaba el nombre y se profesa a sí mismo cristiano, fue tan bárbaro en su carácter y comportamiento, que no perdonó el sexo femenino, ni la edad de los niños inocentes, sino con salvaje crueldad los entregó al tormento de la muerte, devastando todo su país por un largo tiempo, y resuelto a cortar toda la raza de los anglos dentro de las fronteras de Britannia»

Libro 2, XX

Haethfelth fue especialmente sangrienta, con la muerte de muchos notables. No ya sólo el Rey Eadwine y su hijo Osfrith, sino también entre los vencedores, entre quienes murió Eobba Pybing, hermano de Penda.

La batalla de *Haethfelth* es uno de los episodios más importantes y dramáticos del momento, pues significó el fin de la dinastía de *Deira*, que representaba el rey Edwin (Eadwine) y su descendencia, y el ascenso, tras una terrible época de destrucción y muerte protagonizada por los vencedores de *Haethfelth* (Cadwallon y Penda), de la dinastía originaria de *Bernaccia*, los hijos de Æthelfrith, representada especialmente por Oswald, que sería *brytenwalda* (*Bryten* - "Britannia" y *Walda* - "gobernante") y Oswiu, con quien se dice que comenzó el reino de *Northumbria* tras la unificación del norte de *Britannia*.

Agradecimientos

En estas pocas líneas quiero agradecer su ayuda a todos aquellos que han hecho posible esta novela corta. Quiero mencionar a Enrique López, Carlos Polite, y Yeyo Balbás por sus críticas constructivas. Esta novela se debe en gran medida a sus ánimos y consejos.

No puedo olvidarme también de Michael Richter, infatigable compañero de aventuras en este viaje a la Edad Oscura. Por su tesón podemos hoy disponer de esta novela corta en una versión en inglés, para que sea accesible a todo el mundo. ¡Gracias Michael!

Finalmente, mi gratitud a todos los compañeros que me han ayudado a hacer el *mod Brytenwalda* (<http://www.novaregula.com/Brytenwalda/>), especialmente a Asbjørn Lindegaard, y un sincero abrazo a todos los jugadores de *Brytenwalda* que han hecho posible que en el periplo del *mod* hayamos superado el medio millón de descargas.



Corre o ano de nosso Senhor de 633.

Novamente soam os berrantes nas terras da antiga *Britannia*, chamando seus homens para a guerra. As forças dos anglos do Norte se preparam para enfrentar os bretões e seus agora aliados, os anglos do Sul.

Uma charneca coberta de urzes será o campo de batalha escolhido onde hão de se chocar as ambições de três reis. Muitos homens de *Deira* e *Bernaccia*, *Mierce* e *Gwynedd* derramarão seu sangue junto aos de seus irmãos e aos de seus inimigos. Alguns viverão, para lembrarem de que lutaram em ***Haethfelth***. O resto será alimento para os corvos, e não conseguirão ouvir se os bardos cantarão seus nomes, ou se esquecerão.

Lá se encontra Eappa, um a mais entre os que foram obrigados a trocar o arado de sua fazenda pela lança, e empurrados para combater entre as fileiras de seus senhores. Na tensa espera atrás da parede de escudos, Eappa enfrenta ao próprio desespero. E, quando a luta começar e se chocarem os escudos, terá de buscar a coragem para desafiar o medo, o sangue e o ferro, ou perecer.



Corre el Año del Señor de 633.

De nuevo suenan los cuernos en las tierras de la vieja *Britannia*, reclamando a sus hombres para la guerra. Las fuerzas de los anglos del Norte se aprestan a enfrentarse con los britones y sus ahora aliados, los anglos del Sur.

Un páramo cubierto de brezos será el campo de batalla escogido donde han de chocar las ambiciones de tres reyes. Muchos hombres de *Deira* y *Bernaccia*, *Mierce* y *Gwynedd* derramarán su sangre, mezclando por igual la de hermano o enemigo. Algunos vivirán, para recordar haber luchado en ***Haethfelth***. El resto serán alimento para los cuervos, y no llegarán a oír si los bardos cantan sus nombres, o los han olvidado.

Allí se encuentra Eappa, uno más entre los que han sido obligados a cambiar el arado de su granja por la lanza, y empujado a combatir en las filas del ejército de su señor. En la tensa espera tras el muro de escudos, Eappa se enfrenta a su propia desesperación. Y, cuando la lucha comienza y chocan los escudos, habrá de buscar el valor para oponerse al miedo, la sangre y el hierro, o perecer.